



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS-LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

---

## **COORDENAÇÃO ADITIVA E ADVERSATIVA EM LIBRAS**

**CINTIA CALDEIRA DA SILVA**

**Brasília (DF)**

**2019**



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB  
INSTITUTO DE LETRAS – IL  
DEPTO. DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS-LIP  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

---

## **COORDENAÇÃO ADITIVA E ADVERSATIVA EM LIBRAS**

**CINTIA CALDEIRA DA SILVA**

Dissertação apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Rozana Reigota Naves

**Brasília (DF)**

**2019**

## FOLHA DE APROVAÇÃO

Dissertação de autoria de CINTIA CALDEIRA DA SILVA, intitulada “COORDENAÇÃO ADITIVA E ADVERSATIVA EM LIBRAS”, requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística, defendida e aprovada, em 17 de dezembro de 2019, pela banca examinadora constituída por:

---

Profª. Drª. Rozana Reigota Naves  
Universidade de Brasília  
Orientadora e Presidente

---

Profa. Dra. Heloisa Maria Moreira de Lima Salles  
Universidade de Brasília  
Membro Titular

---

Profa. Dra. Marisa Dias Lima  
Universidade Federal de Uberlândia  
Membro Titular

---

Profa. Dra. Cristiane Batista Nascimento  
Universidade de Brasília  
Membro Suplente

## AGRADECIMENTOS

Todo agradecimento é ínfimo perante a grandeza de nosso Deus. Sozinha, não conseguiria sem o sopro sábio do Espírito Santo em me fortalecer e fazer com que eu persistisse em concluir esta fase e receber o título de Mestre.

À querida Nossa Senhora de Fátima. Pisei três vezes no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, em Portugal, e nunca vou deixar de agradecer pela confiança e conquista.

Agradeço a minha família com amor incondicional, por muito apoio, paciência, esperança e me acolhendo por ser surda e sentindo positivamente o meu futuro, que realmente deu sucesso.

Meu querido namorado Paulo Sérgio, que me salvou e me deu total apoio nos momentos difíceis, nunca me deixou desistir de concluir esse trabalho e conquistar os meus objetivos. Agradeço muito por me ensinar a paciência, a amar e a valorizar.

À minha querida professora e orientadora Rozana Naves, que aceitou me orientar no meu trabalho. Apesar de eu ser surda, me acolheu e me acompanhou nesta pesquisa. Sempre acreditando em mim e me incentivando, nunca desistiu da minha pesquisa e do meu trabalho e sempre me apoiou com carinho. Admiro-a muito. Agradeço muito por me ensinar sabedoria e revisar o português.

À minha querida professora e amiga Margot Marinho. Amei trocar ideias sobre a minha pesquisa e ter aulas de português no curso Língua-Alvo. Aprendi muitas coisas. Me incentivou a fazer a seleção do mestrado e o caminho deu certo. Agradeço muito por me ensinar, por me levar a ter mais sabedoria e por me apoiar.

À minha querida amiga Liège Gemelli Kuchenbecker. Não esqueço que você me apoiou para a vaga de aluna especial na Faculdade de Educação (FE/UnB), também interpretou Libras na sala de aula. Agradeço muito por me ensinar e incentivar o caminho certo.

Agradeço os autores surdos do youtube por aceitarem disponibilizar os vídeos para a pesquisa.

Às queridas surdas colegas do mestrado: Silvia Calixto, Rosani Kristine, Guiomar Silva, Keyla, Layane. Obrigada por me acompanharem nas aulas e pelas discussões sobre as pesquisas da gramática gerativa.

Agradeço aos amigos Bruno Gonçalves Carneiro e Charley Pereira Soares, por aceitarem conversar sobre a sua pesquisa e ajudar a minha pesquisa.

À querida amiga Fabiane Elias Pagy. Amei trocar ideias na disciplina “Laboratório de Gramática Contrastiva para o Ensino de LSB e PSL”. Ajudou o desenvolvimento da minha pesquisa.

Agradeço aos membros da banca examinadora Heloisa Salles, Cristiane Batista e Marisa Lima, por aceitarem participar e pelas contribuições à dissertação.

Agradeço aos professores do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras (LIP/IL) por me apoiarem com a redução de carga horária para a conclusão da dissertação.

Às queridas amigas Daniela Prometi, Francilene Machado e Roberta Cantarela, muito obrigada por me apoiarem com carinho e amizade.

Finalmente, agradeço a todos professores de Libras da UnB, aos intérpretes de Libras no LIP e à comunidade surda, que me incentivaram a valorizar a nossa língua.

## RESUMO

---

Neste estudo, desenvolvemos, no quadro teórico da gramática gerativa, uma pesquisa sobre a articulação das orações na Língua de Sinais Brasileira (Libras). Partimos de considerações teóricas mais gerais sobre as estruturas de encaixamento, hipotaxe e parataxe, para depois focarmos na parataxe, especificamente, os casos de coordenação aditiva e adversativa em Libras, que são o tema deste trabalho. Utilizamos, como referências teóricas, autores reconhecidos na área de Libras (Ferreira Brito, 1995; Strobel e Fernandes, 1998; Quadros e Karnopp, 2004) e de outras línguas de sinais (Tang e Lau, 2012). Desenvolvemos a hipótese de que a Libras, assim como a língua portuguesa, possui mecanismos para expressar a coordenação entre eventos, mas se distingue do português quanto às diferentes possibilidades morfossintáticas utilizadas para expressar as relações de adição e de oposição entre orações na estrutura das sentenças. O nosso *corpus* foi constituído de vídeos produzidos por surdos sinalizantes de Libras e disponibilizados na internet. A análise dos dados levou em conta o contexto semântico de uso dos conectivos (sinais lexicais expressos) e a ocorrência de justaposição. No caso da coordenação aditiva, os dados demonstraram a predominância de sentenças justapostas com interpretação aditiva e a especialização semântica de uso dos sinais TAMBÉM, MAIS (adição matemática) e 1, 2, 3 etc. (interpretação quantitativa) para expressar soma de eventos. No caso da coordenação adversativa, a análise do emprego dos dois sinais traduzidos por Capovilla e Raphael (2006) como sendo o conectivo MAS remete à hipótese da oposição sintática entre orações coordenadas adversativas e orações subordinadas concessivas.

Palavras-chave: Libras, gramática, coordenação aditiva, coordenação adversativa.

## ABSTRACT

---

In this study, we developed, within the theoretical framework of generative grammar, a research on the articulation of sentences in the Brazilian Sign Language (Libras). We started from more general theoretical considerations about the embedded clauses, hypotaxis and parataxis, and then focused on parataxis, specifically, the cases of additive and adversative coordination in Libras, which are the subject of this work. We used as theoretical references recognized authors in the area of Libras (Ferreira Brito, 1995; Strobel and Fernandes, 1998; Quadros and Karnopp, 2004) and other sign languages (Tang and Lau, 2012). We developed the hypothesis that Libras, like Portuguese, has mechanisms to express the coordination between events, but differ from Portuguese in the morphosyntactic possibilities used to express the addition and opposition relations between clauses in the sentence structure. Our *corpus* consisted of videos produced by Libras deaf signers, which were available on the internet. The data analysis took into account the semantic context of the use of connective (expressed lexical signs) and the occurrence of juxtaposition. In the case of additive coordination, the data showed the predominance of juxtaposed sentences with additive interpretation and the semantic specialization of the use of signals ALSO, PLUS (mathematical addition) and 1, 2, 3, etc. (quantitative interpretation) to express sum of events. In the case of adversative coordination, the analysis of the use of the two signals translated by Capovilla and Raphael (2006) as being the connective MAS pointed to the hypothesis of syntactic opposition between adverse coordinate clauses and concessive subordinate clauses.

Keywords: Libras, grammar, additive coordination, adversative coordination.

# SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS .....	4
RESUMO .....	6
ABSTRACT.....	7
INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO .....	24
1.1 Os PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA TEORIA GERATIVA .....	24
1.2 ABORDAGEM GERATIVISTA PARA A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES .....	28
1.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	33
CAPÍTULO 2 – ASPECTOS GRAMATICAIS DA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES EM LÍNGUAS DE SINAIS .....	34
2.1 ESTUDOS GRAMATICAIS DE AUTORES BRASILEIROS SOBRE A LIBRAS .....	38
2.2 A COORDENAÇÃO EM LÍNGUAS DE SINAIS (TANG E LAU, 2012).....	49
2.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	52
CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA PESQUISA.....	53
3.1 DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	53
3.2 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....	57
3.3 DESCRIÇÃO DOS DADOS COLETADOS PARA A PESQUISA .....	58
3.4 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	58
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS .....	59
4.1 COORDENAÇÃO ADITIVA EM LIBRAS.....	59
4.2 COORDENAÇÃO ADVERSATIVA EM LIBRAS .....	66
4.3 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	70
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	74

## INTRODUÇÃO

O foco desta investigação é a articulação de orações em Língua de Sinais Brasileira – Libras, especialmente a coordenação aditiva e a coordenação adversativa. Pretendemos com esta pesquisa ampliar a descrição da gramática de Libras, com o objetivo de contribuir para os estudos em teoria da gramática e, conseqüentemente, com o desenvolvimento de estudos sobre o ensino de língua para surdos, em uma perspectiva contrastiva entre Libras e português.

Em 1960, os estudos linguísticos das línguas de sinais se iniciaram, com os trabalhos de Stokoe, que é considerado o primeiro linguista a estudar a Língua de Sinais Americana (no inglês, *American Sign Language* – ASL). O autor desenvolveu uma análise descritiva dessa língua e seu trabalho teve o grande mérito de demonstrar que as línguas de sinais são constituídas pelos mesmos elementos que as línguas orais. Esse autor analisou o nível fonológico e o nível morfológico da ASL e, depois dele, vários linguistas, inclusive surdos, continuaram investigando as línguas de sinais. Um exemplo, na década de 80, são Ted Supalla e Carol Padden, que foram os primeiros linguistas surdos a estudar a ASL.

No Brasil, a Lei nº 10.436/02 reconhece a Libras como a língua de comunicação e o Decreto nº 5.626/2005 regulamenta essa lei, situando a modalidade escrita do português como segunda língua para pessoas surdas. Nesse sentido, nesta pesquisa, reconhecemos a Libras como tendo uma estrutura própria, que pretendemos descrever no campo da coordenação aditiva e adversativa, mas consideramos que o resultado pode ser muito útil para a compreensão da escrita do português pelo surdo, uma vez que, sendo uma segunda língua, essa escrita sofre a influência da Libras, considerada neste trabalho como a primeira língua do surdo.

Segundo Carone (1988), a coordenação é um processo sintático em que observamos a independência entre elementos constitutivos (orações ou termos de uma oração). Elementos coordenados têm a mesma função sintática e pertencem a um mesmo paradigma. A coordenação forma sequências abertas, relacionadas por meio de conectores ou conjunções coordenativas de três tipos, que se classificam conforme o significado da relação semântica entre os elementos que se unem: aditivas, alternativas e adversativas. Nesta pesquisa, somente serão estudados dois tipos de coordenação: aditivas e adversativas.

As conjunções coordenadas reúnem termos ou orações que pertencem ao mesmo nível sintático: “dizem-se independentes umas das outras e, por isso mesmo,

podem aparecer em enunciados separados” (Bechara, 2009, p. 319). Por exemplo, a sentença (1) pode ser dita de outra maneira, com dois enunciados independentes, como em (2):

- (1) Pedro fez concurso para medicina e Maria se prepara para a mesma profissão.
- (2) a. Pedro fez concurso para medicina.  
b. Maria se prepara para mesma profissão.

Em exemplos como esse, a conjunção coordenativa “e” funciona como um conector, reunindo elementos (orações) independentes. Essa conjunção pode também conectar elementos menores que a oração, desde que do mesmo valor funcional dentro do mesmo enunciado, como nas sequências em (3), retiradas de Bechara (2009, p. 319):

- (3) a. Pedro e Maria (dois substantivos)  
b. Ele e ela (dois pronomes)  
c. Ele e Maria (um pronome e um substantivo)  
d. rico e inteligente (dois adjetivos)  
e. ontem e hoje (dois advérbios)  
f. saiu e voltou (dois verbos)  
g. com e sem dinheiro (duas preposições)

Bechara (2009, p. 320) define as conjunções aditivas como aquelas que unem palavras, grupos de palavras ou orações marcadas por uma relação de adição. A principal conjunção aditiva é o conector “e”, que o autor exemplifica com as seguintes frases, extraídas de texto do Marquês de Maricá:

- (4) O velho teme o futuro e se abriga no passado.
- (5) Uma velhice alegre e vigorosa é de ordinário a recompensa da mocidade virtuosa.
- (6) A pobreza e a preguiça andam sempre em companhia.

O autor ressalta que, muitas vezes, é possível extrair dos elementos combinados um conteúdo suplementar de causa, consequência, oposição, etc., sem

que isso modifique a relação aditiva entre os elementos envolvidos: Por exemplo, na sequência “rico e desonesto”, além da relação gramatical de adição, observa-se a oposição semântica existente entre “rico” e “desonesto”, o que se apresenta como um sentido suplementar (“rico **mas** desonesto”), que corresponde à adição entre um elemento afirmativo e outro negativo (“rico e não honesto”).

Quanto às conjunções adversativas, Bechara (2009, p. 120) define que elas ligam expressões estabelecendo uma oposição ou contraste, compensação, ressalva, como exemplificado a seguir:

- (7) Eles foram, mas eu fiquei.
- (8) Chegaram, porém não me viram.
- (9) Estudou, entretanto não conseguiu boas notas.
- (10) Trabalhou, mas juntou dinheiro.

O autor chama a atenção para o fato de que a língua portuguesa coloquial emprega a conjunção “mas” no início do período, sem nenhuma ideia de oposição, apenas para chamar a atenção do ouvinte:

- (11) Mas, meu amigo, o que você tem com isso?

Já a conjunção “porém” indica a oposição com mais ênfase do que “mas” e pode ser colocada no início (principalmente na ênfase), no meio ou no fim da oração:

- (12) a. Esperei-o, porém ele não veio.
- b. Esperei-o, ele, porém, não veio.
- c. Esperei-o, ele não veio, porém.

Sobre a gramática da Libras, levaremos em consideração os estudos realizados em morfologia e sintaxe por Ferreira Brito (1995), Filipe (1997), Strobel e Fernandes (1998), Quadros e Karnopp (2004), Lima (2010), que apresentaremos no Capítulo 2. Entretanto, para uma aproximação inicial do fenômeno da coordenação em Libras, utilizamos, nesta Introdução, o dicionário de Capovilla e Raphael (2006), que apresenta os sinais possíveis para as conjunções “e” e “mas”.

Segundo Capovilla e Raphael (2006), a conjunção coordenativa aditiva “e” pode ser representada pelos seguintes sinais, que exemplificamos por meio de sentenças do português traduzidas para Libras:

(13) “e” equivalendo a TAMBÉM



- a. Português: Ele canta e dança.
- b. Libras:



(14) “e” representando a adição matemática (MAIS)



- a. Português: Eu vou fazer a prova de português e apresentar o trabalho.
- b. Libras:



(15) “e” em contextos de interpretação quantitativa<sup>1</sup>

a. Português: Preciso comprar alface, tomate e cebola.

b. Libras:



As gramáticas de língua portuguesa também registram a possibilidade de a coordenação aditiva de oração acontecer por justaposição, ou seja, sem a presença da conjunção “e”. Nos trabalhos sobre Libras que pesquisamos, não encontramos nenhuma descrição de como coordenar termos ou orações sem o sinal para “e”, mas a nossa pesquisa preliminar de dados nos permite observar que a justaposição de orações é marcada por um movimento de corpo, o que pretendemos investigar mais detalhadamente neste trabalho. Incluímos, abaixo, um exemplo, apenas como ilustração.

<sup>1</sup>Esse sinal não está registrado no dicionário, mas é utilizado como correspondente ao “e” do português em frases com enumeração.

(16) a. Português: Estudou, passou.

b. Libras:



ELE

ESTUDAR

PASSAR

Para a conjunção coordenativa adversativa “mas”, Capovilla e Raphael (2006, p. 873) apresentam os seguintes sinais, com as respectivas interpretações, exemplificadas pelos dados em português e Libras:

(17) “mas” com semântica de oposição



a. Português: Eu preciso dormir, mas não tenho sono.

b. Libras:



PRECISAR

IX<sub>1ps</sub>

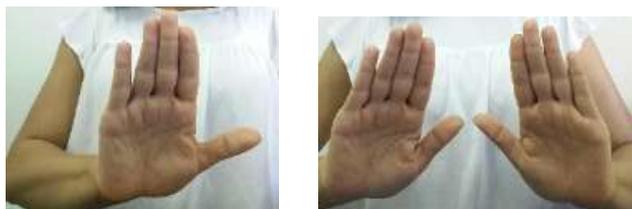
DORMIR

MAS



SONO

## (18) “mas” com ideia de advertência



a. Português: Amanhã nos vamos tomar cerveja, mas não podemos dirigir.

b. Libras:

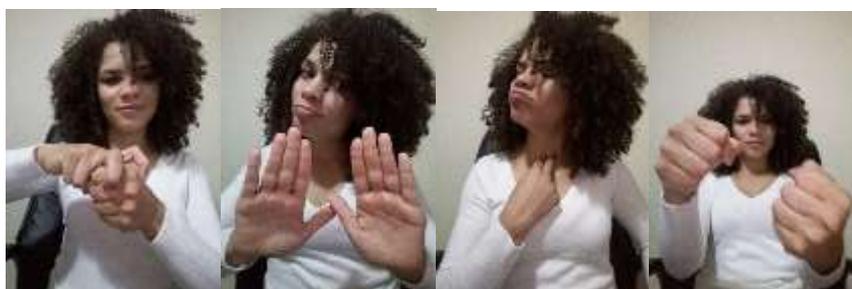


AMANHA

NÓS

VAMOS

TOMAR



CERVEJA

MAS

NÃO-PODER

DIRIGIR

Como podemos observar, os conectivos “e” e “mas” em português correspondem a sinais diferentes em Libras. Neste trabalho, pretendemos investigar se esses sinais são variantes, com distribuição regulada pelo contexto de uso (ou seja, por restrições semânticas). Por exemplo, em relação ao sinal MAS de advertência, Margot Marinho, em comunicação pessoal, sugeriu que pode se tratar de uma subordinação concessiva (semelhante a “embora” em português), pela proximidade semântica. Portanto, é necessário investigar se há indícios de propriedades gramaticais que distingam a subordinação concessiva da coordenação adversativa.<sup>2</sup>

Para o desenvolvimento da pesquisa, utilizamos como referencial teórico a gramática gerativa, de Noam Chomsky, e, a partir dos pressupostos básicos dessa teoria, elaboramos a hipótese de que a Libras, assim como a língua portuguesa, possui mecanismos para expressar a coordenação entre eventos. Entretanto, a língua

---

<sup>2</sup> Uma informação que pode corroborar essa hipótese é a de que não foi encontrado, no dicionário de Capovilla e Raphael (2006), uma entrada lexical para a palavra “embora”.

portuguesa e a língua de sinais brasileira se distinguem quanto às diferentes possibilidades morfossintáticas utilizadas para expressar as relações de adição e de oposição entre elementos na estrutura das sentenças.

Nosso objetivo geral é investigar como se dá a coordenação entre orações em Libras, principalmente quanto aos sentidos de adição e de oposição (coordenação aditiva e adversativa). E nossos objetivos específicos podem ser assim descritos:

- A. Coletar dados de sentenças coordenadas aditivas e adversativas produzidas em Libras por surdos adultos.
- B. Verificar o emprego de sinais que possam corresponder a conjunções.
- C. Analisar a estrutura das sentenças, buscando explicar a gramática de Libras, em contraste com a gramática do português.

A pesquisa utiliza metodologia qualitativa e se baseia em dados coletados por meio de gravações em vídeo. Os participantes são surdos adultos que usam a Libras como primeira língua. Também são utilizados vídeos disponíveis na internet, produzidos espontaneamente por surdos adultos sinalizantes de Libras. Os dados são analisados quanto ao contexto semântico de uso das conjunções (sinais) e quanto à ocorrência de justaposição (movimento de corpo ou expressões faciais com valor gramatical).

Os resultados desta pesquisa podem ajudar a desenvolver uma consciência linguística nos surdos sobre o uso desses sinais, diminuindo as dificuldades desses sujeitos no estudo da língua portuguesa, uma vez que eles saberão distinguir os respectivos contextos semânticos em cada língua. Nesse sentido, este trabalho também contribui para a melhoria do ensino de Libras para os ouvintes e soma-se a outras pesquisas realizadas com o objetivo de contribuir para o aprofundamento dos conhecimentos relativos à língua de sinais brasileira e à teorização gramatical.

A dissertação está estruturada da seguinte forma, além desta Introdução: o Capítulo 1 apresenta o embasamento teórico do trabalho, ou seja, os pressupostos básicos da gramática gerativa e a forma como a teoria trata a articulação de orações, em especial, a coordenação; o Capítulo 2 trata dos aspectos gramaticais da articulação de orações em línguas de sinais, de acordo com os trabalhos descritivos mais conhecidos nessa área, buscando, sempre que possível relacionar com os estudos feitos para a Libras; o Capítulo 3 apresenta a metodologia da coleta de dados; o Capítulo 4 traz a análise do material coletado em vídeo; por fim, sintetizamos o trabalho nas Considerações Finais.

# CAPÍTULO 1

## REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, discutimos os pressupostos teóricos básicos da teoria gerativa, que fundamentam o nosso trabalho (seção 1.1) e apresentamos, com base nessa abordagem, as propostas de estrutura sintagmática para a articulação de orações, em particular, a coordenação (seção 1.2). O capítulo se encerra com uma breve síntese do conteúdo (seção 1.3).

### 1.1 Os pressupostos básicos da teoria gerativa

Esta pesquisa se baseia na Teoria Gerativa, cujo principal representante é o linguista Noam Chomsky. Em 1957, com a publicação da obra *Syntactic Structures*, esse pesquisador lançou as bases para o desenvolvimento de um programa de investigação sobre a natureza mental da linguagem humana, partindo do pressuposto de que todo ser humano é dotado de uma capacidade de inata para adquirir uma língua natural (CHOMSKY,1998). Segundo o autor, o homem, diferentemente dos animais, por exemplo, dos macacos, dos golfinhos ou das abelhas, é o único ser dotado com essa capacidade, que permite combinar um certo número de elementos de acordo com princípios próprios para formar sentenças. Além de discutir conceitos específicos sobre língua e linguagem, o objetivo dessa área de estudos é especificar os componentes mentais que constituem as estruturas gramaticais das línguas naturais.

A capacidade inata para adquirir línguas, que está relacionada com um tipo específico de estrutura e organização da mente humana, é chamada de Faculdade da Linguagem. O estado inicial da faculdade da linguagem é denominado de Gramática Universal (GU). A GU é constituída de *princípios* (gerais, universais e invariáveis) e de *parâmetros* (variáveis no sentido de que são especificados para cada língua). Os princípios procuram explicar o que há de comum a todas as línguas e os parâmetros, por sua vez, pretendem dar conta dos fenômenos de variação linguística.

Um exemplo dessa configuração da GU em princípios e parâmetros pode ser dado pela utilização e interpretação dos pronomes 3ª pessoa. A abordagem teórica prevê que, como princípio, que todo pronome tenha de buscar uma referência, embora

essa referência possa ser identificada no próprio domínio oracional ou no contexto discursivo. Vejamos o exemplo das sentenças a seguir:



Na sentença (1a), vemos que o pronome de 3ª pessoa “ela” pode ser correferencial com o sintagma nominal “A Maria”, como indicado na seta. Já na sentença (1b), essa correferência não é possível (ou seja, o pronome de 3ª pessoa “ela” não pode ser correferencial com o sintagma nominal “A Maria”), conforme indicado na seta. A única possibilidade de interpretação para o pronome “ela” em (1b) é que seja uma 3ª pessoa com referência no discurso, mas não representada no contexto da sentença (por exemplo: “A Joana disse que a Maria vai se casar”). Essa interpretação também está disponível para a sentença (1a) – por exemplo: “A Maria disse que a Joana vai se casar” –, mas é importante analisar, do ponto de vista de uma teoria da gramática, por que motivo a interpretação correferencial não está disponível para (1b). Esse tipo de conhecimento linguístico é o que a abordagem mentalista pretende explicar.

Segundo a Teoria Gerativa, o conhecimento linguístico internalizado na mente é resultado da capacidade cognitiva e intelectual do ser humano e se revela em dois níveis, chamados Língua Interna (LI) e Língua Externa (LE). O conceito de Língua Interna se relaciona com o de competência linguística, que é o conhecimento que o falante possui da língua; já o conceito de Língua Externa se relaciona com o de desempenho linguístico, que corresponde ao uso que o falante faz do conhecimento linguístico que tem, formulando sentenças para expressar o seu pensamento. Esses conceitos de língua indicam uma concepção diferente de gramática.

A faculdade da linguagem compreende, como já foi dito, um estado mental inicial ( $S_0$ ), que é chamado de Gramática Universal (GU). Com base nessa concepção, o processo de aquisição de uma língua tem origem na GU e se desenvolve por meio do *input* linguístico recebido, passando por estágios intermediários até alcançar o estado final ( $S_n$ ), que especifica a gramática da língua particular. Esse processo está representado no esquema abaixo, retirado de Salles e Naves (2010, p. 20):

$$GU (S_0) + \textit{input} \rightarrow \textit{Gramática Particular} (S_n)$$

Dessa forma, acontece a aquisição de língua, pela interação entre as propriedades da GU e o contato do falante com os dados da língua. A aquisição de língua é, portanto, o processo que acontece naturalmente com a criança ao adquirir a sua língua materna. Chomsky considera importante que a teoria seja formulada do ponto de vista da aquisição da língua, porque isso dá aos estudos da linguagem um grande poder explanatório, ou seja, poder para explicar a aquisição e as propriedades das línguas.

É muito interessante observar que, apesar da grande diversidade da experiência linguística na primeira infância, qualquer criança até 5 anos de idade é capaz de produzir e compreender enunciados relativamente complexos em sua própria língua. Também é importante notar que o processo de aquisição de língua segue as mesmas etapas, tanto para a criança surda quanto para a criança não surda, com distinção apenas para a origem do input linguístico (visual-espacial, para as crianças surdas, e oral-auditivo, para as crianças não surdas).

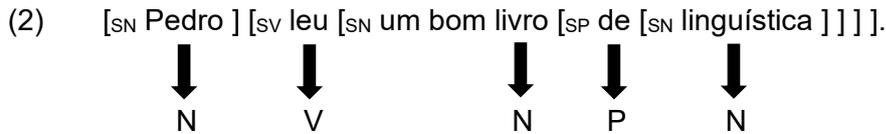
No caso de crianças surdas, se ela tem um sistema linguístico à sua disposição – a língua de sinais (considerada como primeira língua – L1) –, ela é guiada pela GU, que estabelece todas as escolhas paramétricas relacionadas à sua L1, o que, por hipótese, contribui para o aprendizado da segunda língua (L2) – o português escrito. Portanto, segundo Salles e Naves (2010, p. 27),

É fundamental que a criança surda receba o *input* adequado, ou seja, é necessário que ela seja exposta à língua de sinais, o que ocorre de forma natural se ela tem pais surdos, usuários de LS, conforme destacado em Quadros (1997), entre muitos outros.

Com relação às fases do processo de aquisição, Quadros (1997b) afirma serem semelhantes tanto nas línguas de sinais quanto nas línguas orais. A autora, citando Petitto e Marantette (1991), estabelece quatro estágios: estágio pré-linguístico, estágio de um sinal, estágio das primeiras combinações, e estágio as múltiplas combinações.

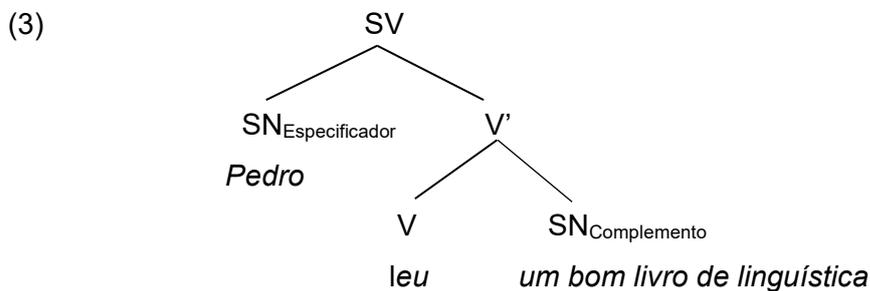
O conceito de gramática que está na base dos estudos gerativistas pressupõe uma estrutura básica das sentenças, assim como prevê as possibilidades de combinação das palavras em uma ordem linear, a partir de uma organização hierárquica. A sentença é formada por partes denominadas sintagmas. Cada sintagma

apresenta o seu núcleo, como demonstramos, simplificadamente, em (2), em que SN se refere a sintagma nominal, SV a sintagma verbal e SP a sintagma preposicional:



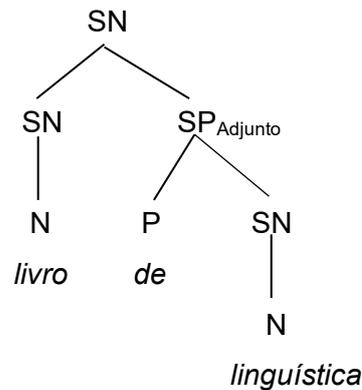
A teoria X-barras é o módulo da gramática encarregado de mostrar como um sintagma é estruturado e revelar a natureza do sintagma. Como já foi dito, o sintagma é uma palavra ou um conjunto de palavras organizadas e articuladas a partir de um núcleo. Em (2), por exemplo, vemos que o verbo transitivo direto “leu” seleciona dois argumentos: o sintagma nominal em função de sujeito “Pedro” e o sintagma nominal em função de complemento “um bom livro de linguística”. Já o nome “livro” é modificado pelo sintagma preposicional “de linguística”.

Na teoria X-barras, representamos o núcleo por uma variável X, que vai tomar seu valor dependendo da categoria do núcleo: se for um nome, o valor de X será N; se for um verbo, será V; se for uma preposição, será P; e assim por diante. O núcleo é a categoria mínima, também representada como X<sup>o</sup>. Ao nível sintagmático, ou projeção máxima de X, chamamos SX. E ao nível intermediário, X'. Essa configuração dá origem à representação sintagmática em (3), em que o núcleo X seleciona um complemento, dando origem à projeção intermediária X' que, por sua vez, se relaciona com o sintagma na posição de especificador, completando a projeção sintagmática nuclear:



Os modificadores, por sua vez, funcionam como adjuntos, que são sintagmas relacionados a outras projeções sintagmáticas, como exemplificado em (4):

(4)



A combinação sucessiva de diferentes sintagmas, que se denomina recursividade, é considerada uma das características mais importantes das línguas naturais.

## 1.2 Abordagem gerativista para a articulação de orações

Como vimos na seção anterior, as estruturas sintagmáticas são níveis estruturais que se interligam para formar o período, ou seja, a gramática de uma língua natural é composta por unidades básicas, que se articulam hierarquicamente em combinações mais complexas. No nível sintático, as unidades básicas se articulam para construir sintagmas – por exemplo, um SV (predicado) se articula a um SN (sujeito) em uma estrutura de predicação, particularmente, formando uma oração, que tem a estrutura sintática do chamado período simples na tradição gramatical.

É possível, entretanto, que as orações se articulem entre si, formando diferentes tipos de período composto. A articulação entre orações na organização do período é o nível mais complicado da análise sintática e expõe a relação entre a sintaxe e o discurso, enquanto nível de análise linguística. Tomando como referência o exposto em Kenedy e Othero (2018), apresentamos, a seguir, em linhas gerais os três tipos de articulação de orações encontrados nas línguas naturais: o encaixamento, a hipotaxe e a parataxe.

### a) Encaixamento

É a organização dos constituintes sintáticos que consistem em incluir uma oração em outra. Ou seja, uma oração encaixada é um elemento (um sintagma) da estrutura sintática maior, chamada oração matriz. A oração encaixada exerce,

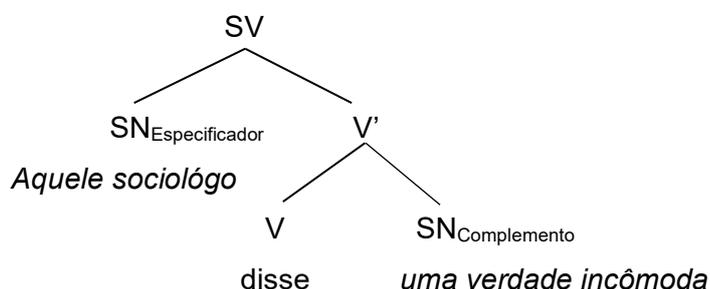
portanto, uma função sintática com relação ao verbo da oração matriz, como se nota no exemplo (5), retirado de Kenedy e Othero (2018, p. 90):

(5) [MATRIZ *Aquele sociólogo disse* [ENCAIXADA *que a elite detestava o povo pobre*]].

Nesse exemplo, a oração encaixada [*que a elite detestava o povo pobre*] é objeto do verbo e está encaixada na função de complemento da oração matriz [*aquele sociólogo disse...*]. É, portanto, um constituinte em forma de oração, equivalendo estruturalmente a um sintagma nominal complemento de um período simples, como demonstra a comparação entre (6a) e (6b) e suas respectivas estruturas sintagmáticas:

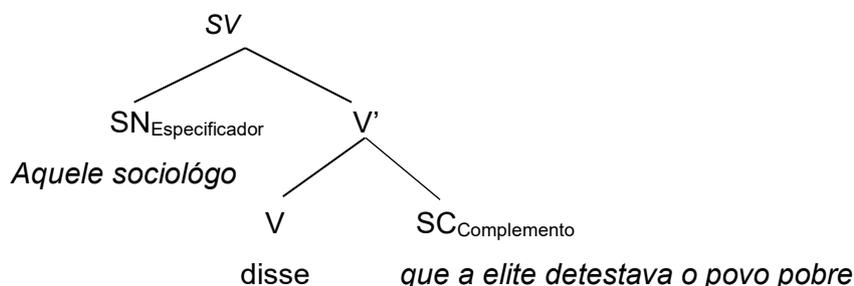
(6) a. Período simples:

[ORAÇÃO [SN *Aquele sociólogo* [SV *disse* [SN *uma verdade incômoda*]]]].



b. Período composto – encaixamento de orações:

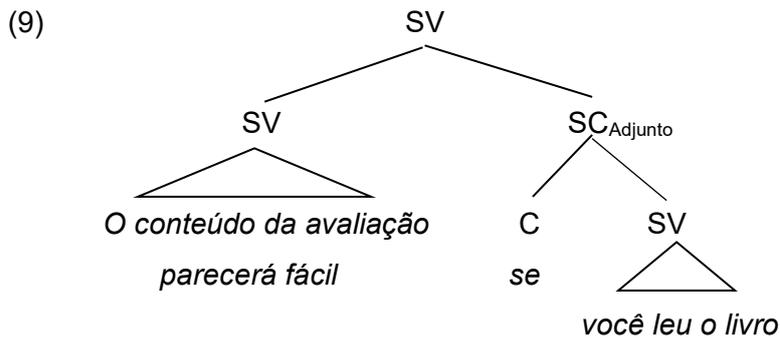
[ORAÇÃO MATRIZ [SN *Aquele sociólogo* [SV *disse* [ORAÇÃO ENCAIXADA *que* [SN *a elite* [SV *detestava* [SN *o povo pobre*]]]]]]]].



Notamos que a estrutura sintagmática em (6b) contempla a ideia de que é uma oração (um sintagma complementador – SC) que se encontra na posição sintática de complemento. Isso quer dizer que há uma complexidade estrutural, observando-se duas orações (ou predicções): a primeira, que se observa na oração matriz, entre o sujeito e o predicado formado pelo verbo “dizer”, como em (7a); a segunda, que se



oração hipotática é inserida na estrutura sintagmática sob a forma de um adjunto do SV existente na oração matriz, como em (9):



Uma oração adverbial pode estar representada à esquerda ou à direita da oração matriz ou entremeada à oração matriz, como nos exemplos em (10), retirados de Kenedy e Othero (2018, p. 114). Isso caracteriza uma liberdade de colocação distinta das orações encaixadas que apresentamos no item anterior.

- (10) a. [[<sub>MATRIZ</sub> Aquele político mudou o seu discurso], [<sub>HIPOTÁTICA</sub> quando percebeu que era conveniente]].  
 b. [[<sub>HIPOTÁTICA</sub> Quando percebeu que era conveniente], [<sub>MATRIZ</sub> aquele político mudou o seu discurso]].  
 c. [[<sub>MATRIZ</sub> Aquele político, [<sub>HIPOTÁTICA</sub> quando percebeu que era conveniente], mudou o seu discurso]].

Segundo os autores (*op. cit.*, p. 114), “linguistas como Michael Halliday, Cristian Matthiessen e Sandra Thompson (cf. Matthiessen e Thompson, 1988, e Halliday e Matthiessen, 2014 [1985]) já vêm indicando, desde os anos 1980, que as adverbiais ligam livremente uma oração matriz na articulação de um período composto – e não são necessariamente adjuntos de SV”, o que fica claro a partir dos exemplos em (10), que mostram que as hipotáticas adverbiais não são adjuntos encaixados rigidamente na oração matriz.

### c) Parataxe

A parataxe é o nome dado à articulação das orações por simples justaposição, caracterizando-se pela disposição das orações lado a lado, sem que aparente existir uma ligação sintática entre elas. Ou seja, no período composto por parataxe, cada oração constitui uma estrutura sintática isolada ou sintaticamente autônoma, o que as

torna estruturalmente independentes uma da outra. Por isso, a parataxe representa, em termos sintáticos, um tipo de articulação entre orações ainda mais livre e menos rígido do que a hipotaxe. Na Gramática Normativa Tradicional, a parataxe é chamada de coordenação de orações, que constitui o objeto de estudo desta dissertação.

No exemplo em (11), retirado de Kenedy e Othero (2018, p. 123) temos um período composto por parataxe, em que as três orações estão apenas enfileiradas (justapostas), obedecendo a uma informação cronológica, o que ressalta o critério discursivo desse tipo de articulação de orações:

(11) [[ORAÇÃO Fui à praia], [ORAÇÃO dei um mergulho], [ORAÇÃO voltei para casa]].

Na primeira oração, há uma estrutura de predicação entre o sujeito oculto “eu” e o predicado “fui à praia”. Em seguida, na segunda oração, a estrutura de predicação ocorre entre o sujeito oculto “eu” e o predicador “dar (um mergulho)”. O mesmo acontece na terceira oração, em que o sujeito oculto “eu” estabelece uma predicação com o verbo “voltei (para casa)”. São três orações independentes, formando um período por meio de uma articulação com efeitos discursivos. Não é possível identificar, nesse exemplo, nenhuma estrutura de encaixamento ou hipotaxe. Trata-se apenas de justaposição, que também pode ser expressa por períodos simples, contendo uma só oração cada um, como no exemplo em (12), retirado de Kenedy e Othero (2018, p. 124):

(12) Fui à praia. Dei um mergulho. Voltei para casa.

Esse exemplo contém a mesma ideia de (11), mas se distingue pela estruturação sintática porque, em (11), há três orações paratáticas construindo um único período, enquanto, em (12), há três períodos, cada qual com uma oração absoluta. Essa comparação é importante para entendermos que a articulação de orações estabelece uma relação com o discurso, de forma que possuir constituintes correferentes (como no caso dos sujeitos ocultos de cada uma das orações acima) não representa um elo sintático.

A relação de significado que se estabelece entre as orações paratáticas (ou coordenadas) distingue diferentes tipos semânticos de orações. No exemplo em (11), as orações, apresentadas por um critério cronológico, são discursivamente compreendidas como adição de informações: a segunda oração junta uma informação à primeira oração e a terceira oração junta outra informação ao grupo que já havia sido enunciado.

As línguas geralmente possuem elementos lexicais que podem ser utilizados na articulação de orações para revelar a relação semântico-discursiva que se cria entre as orações paratáticas. Esses elementos recebem o nome de conjunções coordenativas, que são conectivos de valor lógico semelhante. Eles não são marcadores de limite oracional (diferentemente do que ocorre nos encaixamentos), mas têm a função de expressar o valor lógico que se deve entender da relação entre duas orações articuladas por parataxe. Observemos nos exemplos em (13), retirados de Kenedy e Othero (2018, p. 125), que a articulação paratática contém um conectivo (sublinhado), que se apresenta diante da segunda oração:

- (13) a. [[ORAÇÃO Fui à praia], [ORAÇÃO porém não tomei sol]].  
 b. [[ORAÇÃO Não havia provas], [ORAÇÃO portanto o caso deveria ser encerrado]].

Em (13a), o conectivo “porém” traz uma ideia de oposição em relação à primeira oração – são as chamadas orações coordenadas adversativas que, junto com as aditivas, exemplificadas em (11), formam o objeto desta pesquisa. Em (13c), o conectivo “portanto” estabelece relações semânticas de explicação entre as orações.

O quadro a seguir resume as principais relações de significado das orações paratáticas e exemplifica os conectivos próprios de cada relação:

<b>Significado</b>	<b>Conectivos</b>
Adição	e, nem, também
Contraste	mas, porém, contudo, todavia etc.
Alternância	Ou, quer, seja, etc.
Conclusão	Portanto, logo, pois, por isso etc.
Explicação	Pois, que, porque etc.

### **1.3 Síntese do capítulo**

Neste capítulo, apresentamos o quadro teórico desta pesquisa, que é o da gramática gerativa, e as estruturas sintagmáticas propostas para a articulação das orações: encaixamento, hipotaxe e parataxe (esta última remete ao nosso objeto de estudo). Essas categorias contribuem para a análise da coordenação (parataxe) aditiva e adversativa em Língua de Sinais Brasileira, que é o tema deste trabalho.

## CAPÍTULO 2

# ASPECTOS GRAMATICAIS DA ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES EM LÍNGUAS DE SINAIS

Neste capítulo, tratamos da gramática das línguas de sinais, especificamente da articulação de orações, com foco na descrição das estruturas de coordenação, com base em diversos autores brasileiros e estrangeiros. O objetivo é identificar propriedades gramáticas da articulação de orações que possam ser úteis à análise dos dados coletados na pesquisa.

Antes de iniciarmos a discussão do tema, fazemos uma breve apresentação dos sinais-termo criados por esta pesquisadora para referir-se, em Libras, às duas principais formas de articulações de orações, a saber: coordenação e subordinação. Para a criação dos termos, a pesquisadora tomou como referência o sinal-termo criado por Moreira (2016, *apud* Moreira 2019) para o conceito de valência verbal: o autor parte do sinal para o termo VERBO (que é uma unidade terminológica conceitual sinalizada), em (1) e, utilizando a mão de base, modifica a configuração, conforme (2a), de modo a formar uma unidade terminológica conceitual complexa para o termo VALÊNCIA VERBAL, em que é possível identificar os argumentos do verbo, como mostra a figura em (2b):

- (1) Unidade Terminológica Conceitual Sinalizada para o termo VERBO



FONTE: Moreira (2016, *apud* Moreira 2019, p. 144)<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> O trabalho de Moreira foi desenvolvido junto ao Centro de Estudos Lexicais e Terminológicos (CENTRO LEXTERM) do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília (LIP/IL/UnB), sob orientação da professora Dra. Enilde Faulstich.

- (2) a. Base paramétrica de Unidade Terminológica Conceitual Complexa (UTCC) para o termo VALÊNCIA VERBAL



FONTE: Moreira (2016, *apud* Moreira 2019, p. 145)

- b. Representação dos argumentos verbais tomando como base a UTCC para VALÊNCIA VERBAL



FONTE: Moreira (2016, *apud* Moreira 2019, p. 145)

Considerando que o sinal-termo para a valência verbal representa a estrutura nuclear de uma oração, esta pesquisadora utilizou esse sinal-termo para criar os sinais-termo que representarão os conceitos de coordenação e de subordinação. Para isso, levou em conta que cada uma das mãos representa, potencialmente, uma oração e buscou, através do movimento, descrever a forma como as orações se articulam.

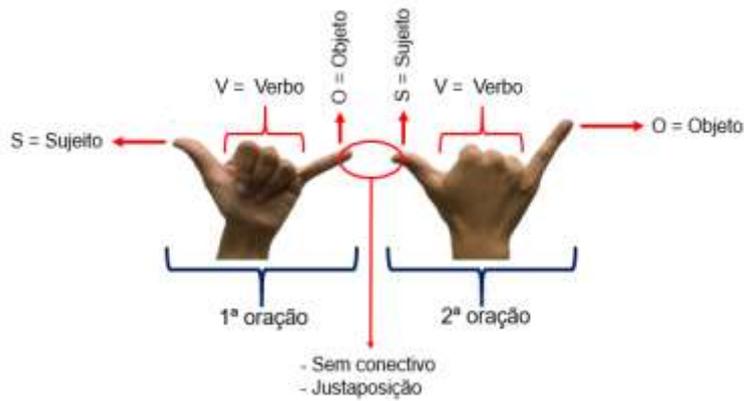
No caso da coordenação, as orações são sintaticamente independentes entre si (como descrevemos na Introdução e no Capítulo 1). Assim, propomos que o sinal-termo para COORDENAÇÃO seja formado conforme a figura e o esquema em (3), para as orações coordenadas sindéticas, e (4), para as orações coordenadas assindéticas (ou justapostas). Observe-se que o ponto de contato dos dedos entre as duas mãos funciona como o elo coesivo entre as duas orações, que pode ser representado pela conjunção coordenativa, em (3), ou que está ausente, como em (4), em que os dedos não se tocam:

(3) Sinal-termo para o conceito de COORDENAÇÃO SINDÉTICA



FONTE: A pesquisadora.

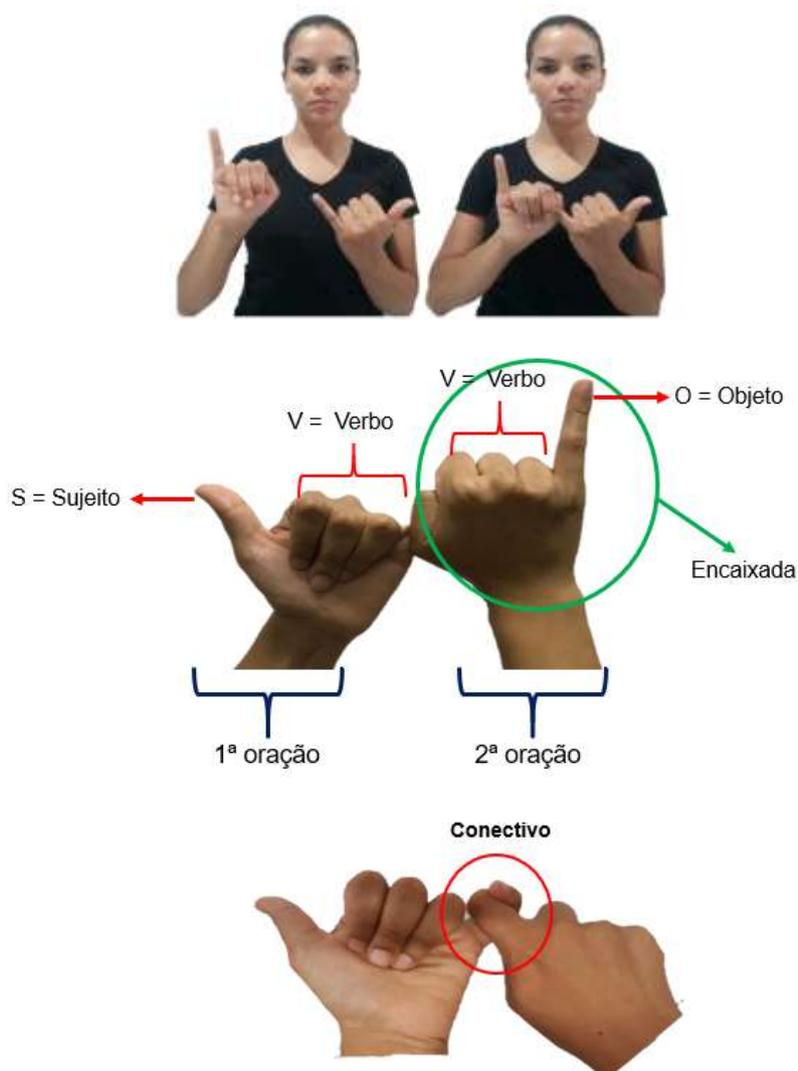
(4) Sinal-termo para o conceito de COORDENAÇÃO ASSINDÉTICA



FONTE: A pesquisadora.

No caso da subordinação, as orações são sintaticamente dependentes, sendo o elo construído de tal forma que a oração subordinada exerce uma função sintática na oração principal. Para representar essa relação, a pesquisadora propõe um sinal-termo em que as duas mãos, na forma do sinal-termo para VALÊNCIA VERBAL, têm os dedos (que representam as funções sintáticas básicas da oração) interligados, na forma de um elo, o qual pode ser interpretado, indiretamente, como o conectivo subordinativo, como representado e esquematizado em (5):

(5) Sinal-termo para o conceito de SUBORDINAÇÃO SINDÉTICA



Dada essa contribuição para o estabelecimento de sinais-termos em Libras, apresentamos a estrutura do capítulo, que está dividido conforme segue. A seção 2.1 trata dos estudos de pesquisadores brasileiros, especialmente aqueles considerados como manuais da Libras (a saber: Ferreira Brito, 1995; Strobel e Fernandes, 1998; Quadros e Karnopp, 2004) e do trabalho específico sobre articulação de orações em

Libras, de Carneiro e Ludwig (a sair). A seção 2.2 aborda os aspectos gramaticais da coordenação de orações em línguas de sinais, com base, especialmente, no trabalho de Tang e Lau (2012). Em seguida (seção 2.3), encerramos o capítulo com uma síntese.

## 2.1 Estudos gramaticais de autores brasileiros sobre a Libras

Considerando que, em Libras, não havia dados suficientes para dizer como funciona a articulação de orações na época da publicação do seu trabalho, Ferreira Brito (1995) apresenta o estudo sobre orações coordenadas e subordinadas com dados da língua de sinais americana (ASL), retirados de Padden (1980; 1982, *apud* Ferreira Brito, 1995).

Segundo a autora, aparentemente, na ASL, tanto as subordinadas quanto as coordenadas apresentam a mesma forma, não havendo marca explícita de subordinação. O que define a dependência ou independência entre elas é o valor semântico de cada oração nas estruturas complexas. Entretanto, a autora apresenta alguns testes formais propostos por Padden (1980; 1982, *apud* Ferreira Brito, 1995), na análise das estruturas complexas da ASL, conforme descrito a seguir.<sup>4</sup>

a. Pode-se usar conjunção entre as coordenadas, mas não entre uma principal e a subordinada (no caso de haver conjunção, as orações seriam coordenadas):

(6) MAMÃE<sub>3i</sub> MANDAR<sub>3j</sub> FILHA<sub>3j</sub> DAR-BOLO<sub>2</sub>  
(= A mãe mandou a filha dar bolo para você)

b. A palavra negativa NADA e a negação não manual podem vir no fim de cada coordenada indiferentemente, pois negam apenas o termo imediatamente precedente; em uma estrutura de subordinação, a negação se dá sempre em relação ao verbo da principal, mesmo que venham no fim da oração subordinada:

(7) MAMÃE<sub>3i</sub> MANDAR<sub>3j</sub> DAR-BOLO<sub>2</sub> NADA  
(= A mãe não mandou que ela desse o bolo a você)

---

<sup>4</sup> Padden (1982, *apud* Ferreira Brito, 1995) distingue três tipos de orações complexas formadas por subordinação: predicados com os verbos MANDAR, DIZER e VER. Como esse não é o nosso objeto de pesquisa, apresentamos somente as propriedades gerais da coordenação e da subordinação.

c. O pronome sujeito cópia, em ASL, correferencial com o sujeito da primeira oração, só pode aparecer no final da oração subsequente, quando se tratar de subordinação e de discurso indireto; no caso de coordenação e de subordinação com discurso direto, isso seria agramatical:

(8) ? MANDAR<sub>3i</sub> 3i DAR- BOLO<sub>2</sub>, EU  
(= Eu mandei que ela desse bolo para você, eu)

d. As orações subordinadas parecem incompletas, se isoladas; as orações coordenadas, não.

(9) MAMÃE MANDOU.../ MAMÃE FOI EMBORA

Em trabalho posterior, Strobel e Fernandes (1998) observam que a Libras não pode ser estudada tendo como base a língua portuguesa, porque ela tem uma gramática diferenciada e independente da língua oral, de forma que a “construção de um enunciado em Libras obedece a regras próprias, que refletem a forma de o surdo processar suas ideias, com base em sua percepção visual-espacial da realidade” (p. 15). Por exemplo, em relação à articulação de orações que denotam tempo, utiliza-se, em português a conjunção temporal “quando” (como em (10b)), enquanto, na estruturação em Libras, não é empregada a conjunção, mas uma referência ao tempo passado, somente (como em (10a)):

(10) a. Libras: PASSADO COMEÇAR FÉRIAS EU VONTADE DEPRESSA VIAJAR.  
b. Português: Quando chegaram as férias, eu fiquei ansiosa para viajar.

Quadros e Karnopp (2004) não discutem a articulação de orações em Libras, especificamente, mas apresentam, ao longo do seu manual da gramática de Libras, uma série de outras propriedades que se apresentam em contextos de articulação de orações. Essas propriedades são listadas a seguir.<sup>5</sup>

<sup>5</sup> Na apresentação dos dados, podem ocorrer as seguintes notações:

- marcação de concordância gramatical através da direção dos olhos = < > do
- marcação associada com foco = < > mc
- marcação de negação = < > n
- marcação de tópico = < > t
- marcação de interrogativas com e sem palavras interrogativas = < > qu e < > sn, respectivamente.

- a. os verbos principais podem ser omitidos de sentenças complexas através da identidade com sua forma pura, como no caso das orações coordenadas:

(11) John slept, and mary will too  
 ‘João dormiu e Maria também’

(12) JOÃO<sub>a</sub> < MARIA<sub>b</sub> AUX<sub>b</sub> > do < [GOSTAR]<sub>i</sub> > mc < AUX<sub>a</sub> > do < NÃO [e]<sub>i</sub> > n  
 ‘João gosta da Maria e ela não gosta dele’



(13) <JOÃO<sub>a</sub>> do <MARIA<sub>b</sub>> do <<sub>a</sub>AUX<sub>b</sub>> do <[GOSTAR]<sub>i</sub>> <<sub>b</sub>AUX<sub>a</sub>> do TAMBÉM  
 [e]<sub>i</sub> >

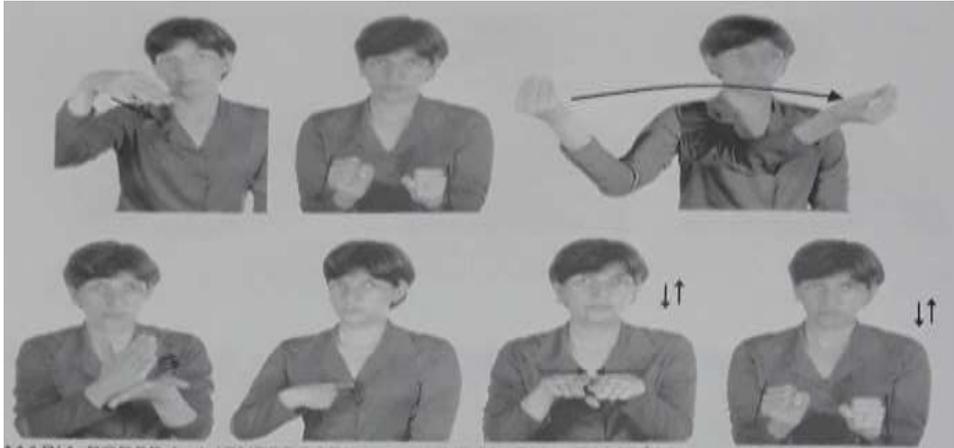
‘João gosta da Maria e ela também’



- b. verbos como *have* e *be* no inglês só podem ser omitidos de sentenças complexas quando há identidade entre o verbo da oração principal e o verbo omitido da oração subordinada (*John will be here, and Mary will too*); esses fatos também são observados na Libras:

- (14) MARIA PODER [<(a)ENTREGAR(b)> do LIVRO]<sub>i</sub>, EU <TAMBÉM> mc  
<PODER [e]<sub>i</sub>> mc +

'Maria pode entregar o livro (a ele) e eu também posso.'



- (15) MARIA QUERER [<(a)ENTREGAR(b)> do LIVRO]<sub>i</sub>, EU <TAMBÉM> mc  
<QUERER [e]<sub>i</sub>>

'Maria quer entregar (a ele) o livro, eu também quero'



- (16) \*MARIA <aENTREGARb> do LIVRO, EU <TAMBÉM> mc <QUERER> mc+

- c. na Libras, as construções interrogativas nas orações principais têm um sinal diferente do sinal interrogativo das orações subordinadas – a marca não-manual associada com a oração interrogativa subordinada é mais tensa do que aquela produzida com a oração principal, além de poder ser produzida com uma ou duas mãos, caso contrário, trata-se de uma interrogativa direta:

- (17) <EU QUERO SABER> <QUEM O JOÃO ESCOLHER> qu~~  
'Eu quero saber quem o João escolheu.'



- (18) <EU QUERO SABER> <QUEM JOÃO ESCOLHER QUEM>

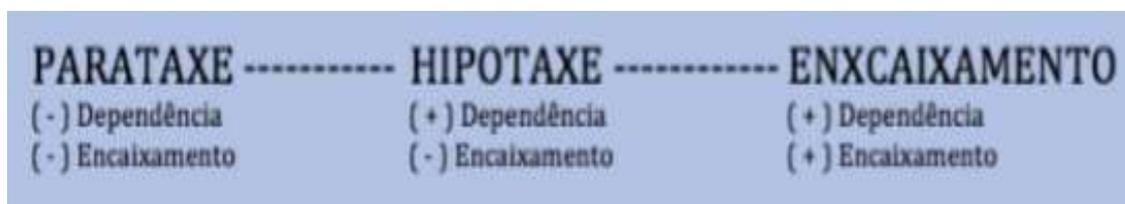


- (19) JOÃO PERGUNTAR <QUEM MARIA GOSTAR> qu  
 ‘O João perguntou: “De quem Maria gosta?”’



Contrariamente aos trabalhos anteriores, que tratavam de propriedades gerais da Libras, comparativamente com a ASL, o estudo de Carneiro e Ludwig (a sair) trata especificamente da articulação de orações em Libras, que é o objeto da nossa pesquisa. Eles observaram conversas de surdos nas redes sociais e as combinações entre as orações. O objetivo dos autores é descrever o processo de articulação de orações na Libras, que definem como sendo “uma estratégia gramatical encontrada em todas as línguas naturais, que resulta em construções complexas que se revelam em um contínuo de níveis (parataxe – hipotaxe – encaixamento), conforme esquematizado na Figura 1:<sup>6</sup>

Figura 1 – Contínuo de dependência e integração entre orações, de acordo com Hopper e Traugott (1993 *apud* Neves, 2001)



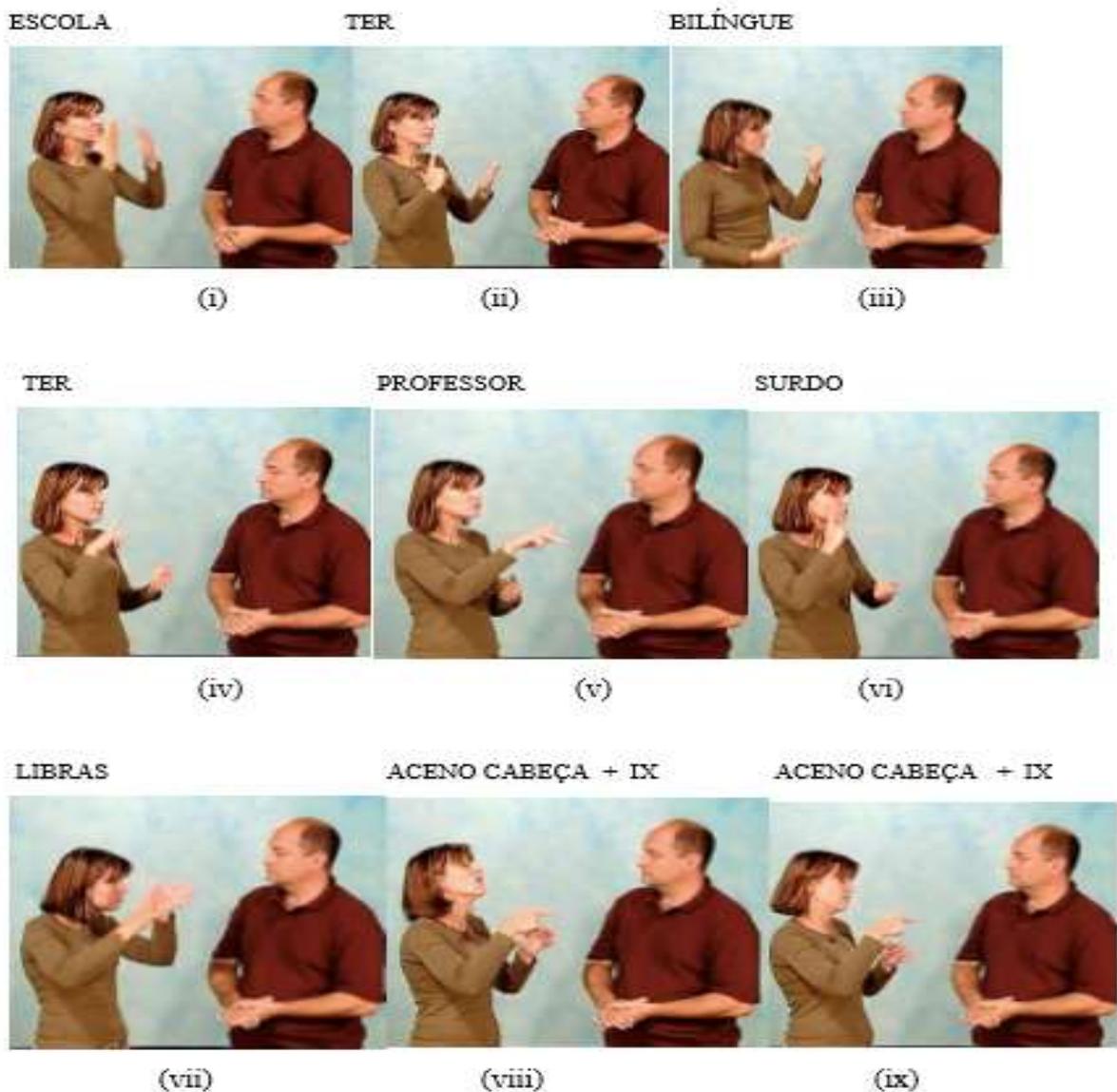
Fonte: Carneiro e Ludwig (a sair)

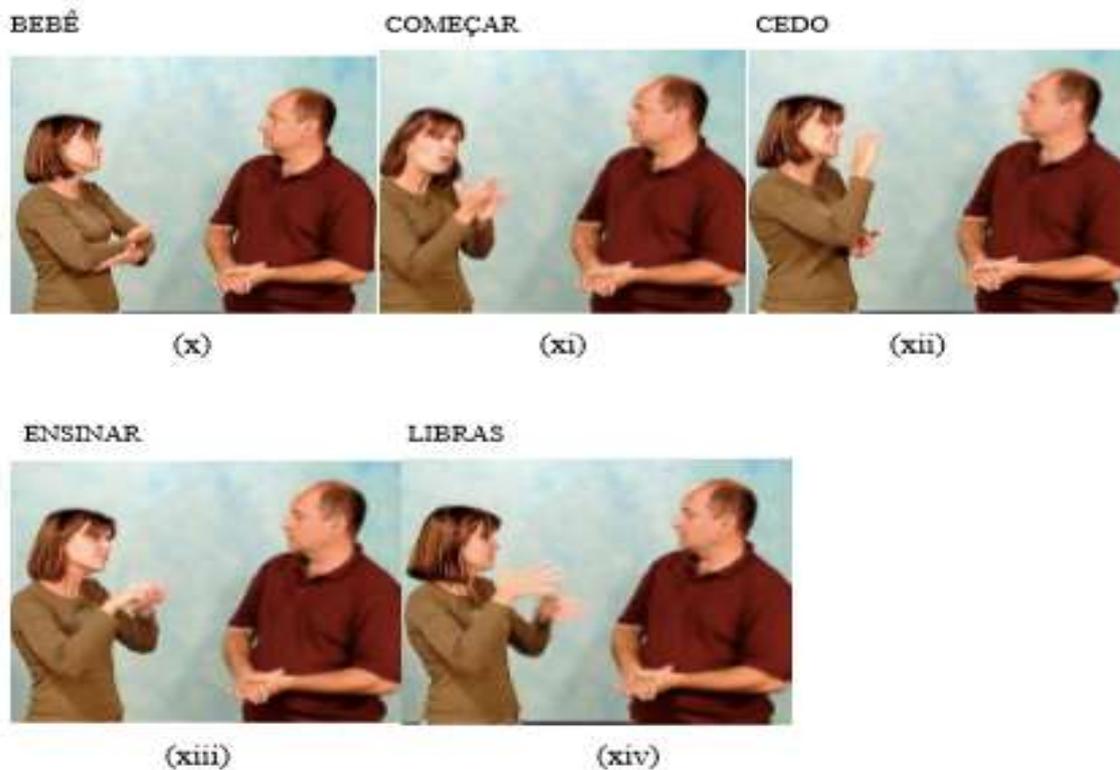
Carneiro e Ludwig (a sair) afirmam que estudar as línguas de sinais não é uma tarefa fácil, pois é um desafio identificar critérios e metodologia padronizada para identificar os limites de uma sentença, por exemplo, além de não haver o uso de conjunções. Nesse sentido, a justaposição de orações pode ser uma estratégia

<sup>6</sup> Para a especificação das características sintáticas e discursivas da parataxe, da hipotaxe e do encaixamento, o leitor deve voltar ao Capítulo 1 desta dissertação.

recorrente, que faz parte da modalidade gestual, assim como o uso alternado dos articuladores manuais, o uso do espaço de sinalização, o deslocamento do corpo e o aceno de cabeça. Esse último, por exemplo, é um movimento de cabeça forte e alargado e que, segundo os autores, parece realizar a função de um conectivo na articulação das orações, como no seguinte exemplo:

- (20) Caso tenha escola bilíngue e tenha professor surdo sinalizante, a criança surda pode desde cedo ter acesso a libras [Tradução livre]





A construção acima é formada por duas orações justapostas, acompanhadas pelo aceno de cabeça demorado, que funciona como uma conjunção (no caso, de interpretação condicional).

Os autores mostram, ainda, outros exemplos de orações complexas encontrados na pesquisa que fizeram. Os dados são apresentados a seguir, como ilustração da articulação de orações em Libras.

(21) Exemplo de parataxe, com interpretação aditiva:

Vocês vão perceber e aprender.

[Tradução livre]



A construção em (21) se dá por justaposição, com ideia de adição e não envolve o uso polarizado no espaço de sinalização, sendo toda a sinalização da estrutura complexa feita no espaço neutro.

(22) Exemplo de parataxe, com interpretação adversativa:

Eu estudei tudo. (Mas) falta um, este (tema). [Tradução livre]



A construção em (22) também se dá por justaposição, mas com ideia de oposição. A ausência de um sinal lexical que indique essa oposição implica a interpretação do enunciado pelo contexto.

(23) Exemplo de hipotaxe, com interpretação temporal:

Então, aqui o trabalho terminar às 7h. Vou na sua casa buscar seu (carro).

[Tradução livre]



Na construção em (23), nota-se que as imagens de (i) até (vi) expressam a ideia de tempo, mas há ausência de um sinal lexical que indique a sequência temporal em relação à oração especificada nas imagens de (vii) a (xi).

(24) Exemplo de hipotaxe, com interpretação de finalidade:

Cada grupo vai trazer seu computador (para) organizar e editar a filmagem com a escrita de sinais, certo? [Tradução livre]



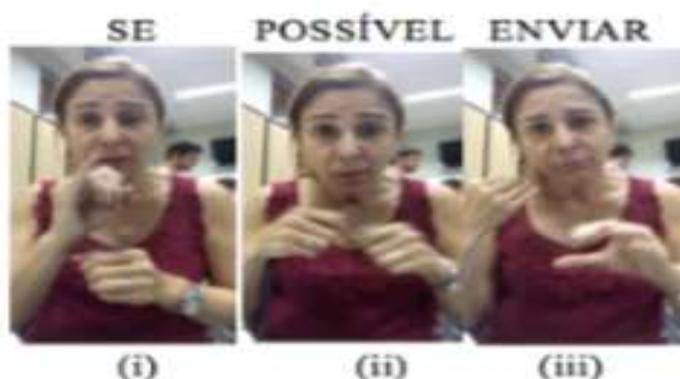
Na construção em (24), as imagens de (xi) a (xiv) denotam a relação de finalidade expressa em relação à primeira oração. Novamente, ocorre a ausência de um sinal lexical que indique essa relação, apesar de a imagem (ix) sugerir um comportamento

facial diferenciado que, segundo os autores, no Elan, é percebida como uma elevação do queixo e uma diminuição do olhar.<sup>7</sup>

(25) Exemplo de hipotaxe, com interpretação condicional:

Se (você) conseguir, me envie.

[Tradução livre]

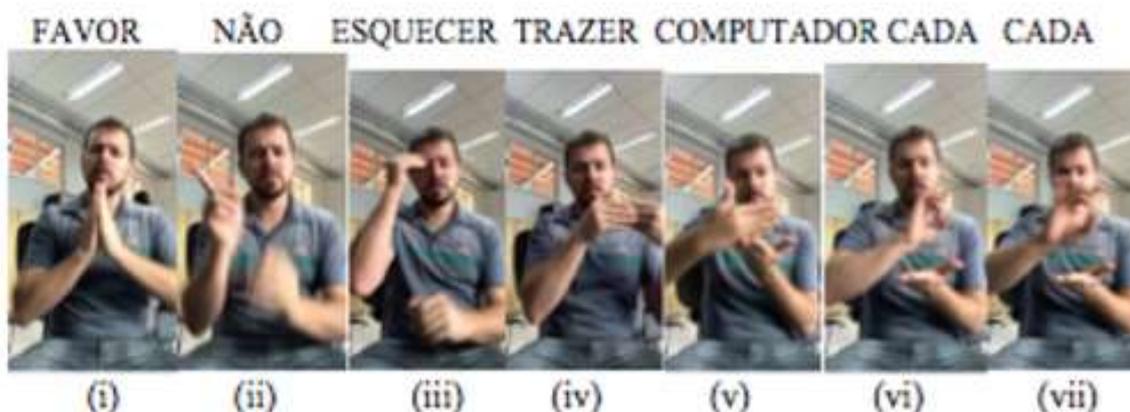


As imagens (i) e (ii) da construção em (25) estabelecem uma relação de dependência semântica, com interpretação condicional, em relação à imagem (3). A imagem (i) contém o sinal lexical da conjunção condicional. Nota-se uma expressão facial característica nas imagens (i) e (ii), com levantamento de sobrancelhas.

(26) Exemplo de encaixamento:

Por favor, não esqueçam de trazer os computadores de vocês.

[Tradução livre]



<sup>7</sup> O Elan (EUDICO – Linguistic Annotator) é uma ferramenta de anotação de dados em que é possível criar, editar, visualizar e procurar anotações por dentro de dados de vídeo e áudio. Essa ferramenta foi projetada para a análise de línguas e tem sido muito utilizada para a transcrição e descrição de dados das línguas de sinais.

A construção em (26) se refere a uma articulação por encaixamento. A oração principal vai da imagem (i) até a imagem (iii) e a oração subordinada, que funciona como objeto direto da oração principal, se inicia na imagem (iv) e vai até a (vii). Ou seja, a segunda oração faz parte da estrutura argumental da primeira e não há um sinal lexical para a conjunção.

Os estudos apresentados acima mostram a evolução do pensamento sobre articulação de orações em Libras, sendo importante notar que ainda há muito o que estudar e descrever sobre esse fenômeno, ainda pouco pesquisado.

## 2.2 A coordenação em línguas de sinais (Tang e Lau, 2012)

O capítulo produzido por Tang e Lau (2012) tem sido a grande referência para os estudos de articulação de orações em línguas de sinais porque, além de descrever de forma aprofundada as propriedades gramaticais das construções complexar, abordam várias línguas de sinais, sendo útil para a análise de outras línguas, como a Libras. Nesta seção, apresentamos as propriedades da coordenação em línguas de sinais, de acordo com Tang e Lau (2012).

Segundo os autores, a coordenação geralmente envolve a combinação de, pelo menos, dois constituintes das categorias semelhantes, seja por meio de justaposição ou de conjunções. Embora haja poucos relatos de conjunções em línguas de sinais, Tang e Lau (2012) demonstram que a ASL tem marcadores lexicais explícitos como “e” ou “mas”, como no exemplo (27), retirado de Padden (1988, p. 95):

- \_\_\_\_\_ hs<sup>8</sup>
- (27) <sub>1</sub>PERSUADE<sub>i</sub> BUT CHANGE MIND [ASL]  
 ‘I persuaded her to do it but I/she/he changed my mind.’  
 ‘Eu a convenci a fazer isso, mas eu/ela/ele mudei/mudou de ideia.’

De acordo com Padden, as estruturas coordenadas se caracterizam por uma pausa entre os dois conjuntos oracionais e por um forte aceno de cabeça (hs) na segunda oração.

Tang e Lau (2012) identificam que os sinais manuais “e”, “mas”, e “ou” são usados por surdos em Hong Kong, e informam que, na língua de sinais australiana (Auslan), não existe a conjunção “e” (caso em que a justaposição sempre ocorre),

---

<sup>8</sup> hs = headshake (movimento de cabeça)

porém existe “mas”, como ilustrado por Johnston e Schembri (2007, p. 213, *apud* Tang e Lau, 2012), em (28) e (29), respectivamente:

- (28) Coordenação aditiva, por justaposição:  
 ;GIVE<sub>1</sub> MONEY<sub>,1</sub> INDEX GET [ASL]  
 ‘He’ll give me the money, then I’ll get the tickets’  
 ‘Ele me dará o dinheiro e eu receberei os ingressos.’
- (29) Coordenação adversativa, com conjunção:  
 k-i-m LIKE CAT BUT p-a-t PREFER DOG [Auslan]  
 ‘Kim likes cats but Pat prefers dogs’  
 ‘Kim gosta de gatos, mas Pat prefere cães.’

Os autores também afirmam que há pouca discussão sobre marcas não-manuais para a coordenação na literatura de língua de sinais. No entanto, parece que marcas não-manuais são adotadas quando conjunções lexicais estão ausentes na língua de sinais de Hong Kong (HKSL). Na maioria dos casos, observa-se um aceno de cabeça estendido que é coincidente com uma das orações e os limites da oração são marcados por um piscar de olhos. Liddell (1980, 2003 *apud* Tang e Lau, 2012) observa que os acenos de cabeça sintáticos, que são adotados para afirmar a existência de um estado ou processo, são maiores, mais profundos e mais lentos na articulação entre orações. Em um contexto neutro, a coordenação conjuntiva (aditiva) tem apenas o aceno de cabeça, enquanto a coordenação adversativa pode envolver giro da cabeça ou inclinação do corpo para frente e para trás.

Tang e Lau (2012) propõem, então, três diagnósticos sintáticos para a coordenação nas línguas faladas (extração, lacuna e negação) e investigam se a coordenação nas línguas de sinais também é sensível a essas restrições gramaticais. Vejamos.

- a. Extração: em línguas orais, nenhum elemento contido em uma oração coordenada pode ser movido para fora desse conjunto, como exemplifica a interrogativa em (30), em que o objeto interrogativo do verbo “ler” foi movido à esquerda, resultando em uma sentença agramatical; essa mesma propriedade foi apontada por Padden (1988) para a ASL, conforme o exemplo em (31), em que a topicalização do objeto “flores” em uma estrutura de coordenadas é proibida:

(30) \*What<sub>i</sub> did Michael play golf and read t<sub>i</sub>?

‘\*O que Michael jogou golfe e leu?’

(31) \*FLOWER, <sub>2</sub>GIVE<sub>1</sub> MONEY, <sub>j</sub>GIVE<sub>i</sub>

[ASL]

‘\*Flores, ele me deu dinheiro, mas ela me deu.’

b. Lacuna: nas línguas orais, as estruturas coordenadas produzem uma redução da estrutura sintática e as elipses (em forma de lacunas sintáticas, sob identidade entre constituintes) são apresentadas para dar conta desse fenômeno, como exemplificado em (33); na ASL, Liddell (1980) observa que a lacuna existe e um aceno de cabeça para acompanhar o objeto remanescente é necessário, como mostrado em (29), que lista um número de pares sujeito-objeto:

(32) a. [Sally eats an apple] and [Paul Ø a candy].

‘Sally come uma maçã e Paulo, uma bala.’

b. \*[Sally Ø an apple] and [Paul eats a candy].

‘Sally, uma maçã e Paulo come uma bala.’

(33)

hn<sup>9</sup>

HAVE WONDERFUL PICNIC. PRO.1 BRING SALAD, JOHN BEER [ASL]

hn                      hn

SANDY CHICKEN, TED HAMBURGER

‘We had a wonderful picnic. I brought the salad, John (brought) the beer, Sandy (brought) the chicken and Ted (brought) the hamburger.’

‘Fizemos um piquenique maravilhoso. Eu trouxe a salada, John (trouxe) a cerveja, Sandy (trouxe) o frango e Ted (trouxe) o hambúrguer.’

c. Negação: nas línguas de sinais operadores manuais como a negação pode identificar a estrutura de coordenadas, como no exemplo (30), retirado de (Padden 1988, p. 90), em que a negação não manual (isto é, o aceno de cabeça) tem escopo apenas sobre o primeiro conjunto, mas não sobre o segundo, que tem um aceno de cabeça em vez disso:

<sup>9</sup> hn = head nod (aceno de cabeça)

- (34)  $\frac{\quad n^{10} \quad}{\quad hn \quad}$  [ASL]  
*INDEX TELEPHONE, INDEX MAIL LETTER*  
 'I didn't telephoned but she sent a letter.'  
 'Eu não telefonei, mas ela enviou uma carta'

Essas seriam, segundo Tang e Lau (2012), as principais características sintáticas da coordenação de orações em línguas de sinais.

### 2.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos a descrição dos aspectos gramaticais referentes à articulação das orações, especialmente a coordenação, em Libras, com base em trabalhos de autores reconhecidos na área, e em outras línguas de sinais, com base no trabalho de Tang e Lau (2012). De tudo o que foi apresentado, destacamos os aspectos, que consideramos relevantes para a nossa pesquisa:

- (i) a justaposição parece ser mais comum que a coordenação por meio de conjunções (sinais lexicais) manuais;
- (ii) marcadores não-manuais, como aceno de cabeça ou giro da cabeça ou do corpo, indicam limite de constituinte oracional (ou não), interagindo com os tipos de coordenação (a aditiva não apresenta essa correlação, mas a adversativa parece apresentar);
- (iii) propriedades sintáticas como o impedimento para a extração de constituintes das orações coordenadas, a existência de lacunas em contextos sintáticos de identidade estrutural e o escopo de sintagmas interrogativos (cf. Quadros e Karnopp, 2004) e da negação (cf. (Tang e Lau, 2012) caracterizam as construções complexas formadas por coordenação.

---

<sup>10</sup> n = negative headshake (movimento de cabeça para marcar a negação)

## **CAPÍTULO 3**

### **METODOLOGIA DA PESQUISA**

Neste capítulo, apresentamos a metodologia da pesquisa, que inclui a descrição dos procedimentos utilizados para a coleta de dados (seção 3.1), do perfil dos participantes (seção 3.2) e da apresentação dos dados coletados (seção 3.3). Ao final, apresentamos a síntese do capítulo (seção 3.4).

#### **3.1 Descrição dos procedimentos de coleta de dados**

Os dados de sentenças coordenadas aditivas e adversativas produzidas em Libras por surdos adultos começaram a ser coletados informalmente em 2017, quando o tema da pesquisa se definiu. Com a qualificação do projeto de pesquisa em 2018, decidimos utilizar como fonte dos dados a serem coletados, vídeos disponíveis na internet, produzidos espontaneamente por surdos adultos sinalizantes de Libras. A escolha desses vídeos ocorreu nos canais do YouTube que a pesquisadora segue, priorizando-se canais de divulgação de informações para a comunidade surda em que foram identificados dados de pesquisa na sinalização dos participantes.

Foram selecionados 20 vídeos de programas disponíveis em canais do Youtube, de diferentes fontes, a saber:

- a) TV INES – o primeiro canal bilíngue do Brasil com conteúdo 100% acessível a surdos e ouvintes (dois vídeos foram extraídos desse canal, produzidos respectivamente, por Aulio e Heveraldo);
- b) Thaisy Payo – canal da modelo, atriz e influenciadora digital Thaisy Payo;
- c) Charley Soares – o primeiro canal a propor uma reflexão linguística de conteúdos de aulas de cursos de graduação em Letras Libras;
- d) A moda muda – o canal é um instrumento político de afirmação, empoderamento e divulgação do cotidiano e da cultura surda;
- e) Thiago Ramos de Albuquerque – neste canal, Thiago Ramos conta experiências de vida de uma pessoa surda, bem como leituras sobre Linguística e Língua Brasileira de Sinais;

- f) Pedro Melo – canal de cunho religioso, de perfil católico, voltado para a comunidade surda;
- g) Nathalia da Silva – canal da maquiadora surda, que ensina técnicas de beleza para a comunidade surda (foram extraídos dois vídeos desse canal);
- h) Natalia Libras Virtual – este canal ministra curso de Libras;
- i) Isflocos – canal de assuntos diversos de interesse da comunidade surda;
- j) Lyvia Cruz – canal que compartilha conhecimentos linguísticos e cultura surda, especialmente contação de histórias de literatura surda/sinalizada;
- k) Léo Viturino – canal sinalizado sobre assuntos contemporâneos de interesse da comunidade surda;
- l) Olhos caros – canal com informações gerais, somente em Libras, recomendado para surdos (foram extraídos dois vídeos desse canal);
- m) TV Campus – canal com as produções da TV Campus, emissora de televisão universitária da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM);
- n) Cozinha do Yu Gouveia – esse canal ensinar a comunidade surda a fazer comidas;
- o) CILLTTLS 2018 – canal de informações e instruções de pagamento para o congresso da CILLTTLS;
- p) Rodrigo Custódio – canal de reflexão e ensino de vários temas;
- q) Libras tube – canal de divulgação de diversos assuntos para a comunidade surda;
- r) Nelson Pimenta – canal da educação para surdos.

Segue, abaixo, quadro com a relação de vídeos e suas respectivas especificações quanto à fonte, o link para visualização e a descrição dos temas abordados. A cada vídeo corresponde um número de ordem, que será utilizado nesta dissertação como referência aos vídeos, nas seções e capítulos posteriores.

Tabela 1 – Relação de vídeos produzidos por surdos adultos na internet, usados como fonte dos dados a serem analisados

<b>Nº de Ordem</b>	<b>Fonte/Link/Descrição do Tema</b>
1	TV INES, em 06 de maio de 2019 <a href="http://tvines.org.br/?p=19626">http://tvines.org.br/?p=19626</a> Boletim – Bolsonaro assina decreto que acaba com horário de verão. Modelo morre durante desfile em SP. Espanha elege primeira brasileira ao parlamento. Ayrton Senna tem carro criado em homenagem aos 25 anos de sua morte.

2	<p>TV INES, em 28 de janeiro de 2019</p> <p><a href="http://tvines.org.br/?p=19213">http://tvines.org.br/?p=19213</a></p> <p>A vida em Libras – Hospedagem. Sinais e classificadores para expressões, novas tendências na hospedagem, crescimento de plataformas como o Airbnb e a tendência de alojamentos sustentáveis.</p>
3	<p>Thaisy Payo, em 18 de fevereiro de 2018</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=PPuB6-6CunA">https://www.youtube.com/watch?v=PPuB6-6CunA</a></p> <p>O canal acessível é próprio da empresa onde ela trabalha como revisora de acessibilidade de filmes.</p>
4	<p>Charley Soares, em 31 de outubro de 2016</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=C0XdrpcQx_w">https://www.youtube.com/watch?v=C0XdrpcQx_w</a></p> <p>Fórum tira dúvidas na disciplina Libras III – moodle IFNMG CEAD.</p>
5	<p>A moda muda, em 31 de agosto de 2018</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=5UBFbak50A0">https://www.youtube.com/watch?v=5UBFbak50A0</a></p> <p>Ser surda, uma escolha – A apresentadora fala de como a cultura surda a influenciou e enriqueceu, e dos caminhos que resolveu traçar na vida.</p>
6	<p>Thiago Albuquerque, em 14 de maio de 2019</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=9zoSJQmsUOM">https://www.youtube.com/watch?v=9zoSJQmsUOM</a></p> <p>Aprenda em inglês, lendo a legenda de qualquer filme no Netflix. O vídeo aborda a estratégia de aprender inglês, ouvindo filme ou música em inglês, com legenda em português.</p>
7	<p>Pedro Melo, em 14 de novembro de 2016</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=NhKOcnUMNHM">https://www.youtube.com/watch?v=NhKOcnUMNHM</a></p> <p>Metáfora arco-íris. Evangelho de São Marcos 13, 33-37 ajuda a refletir sobre como deve ser a atitude cristã de espera.</p>
8	<p>Nathalia da Silva, em 20 de agosto de 2017</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=xGQjnKtlQrY">https://www.youtube.com/watch?v=xGQjnKtlQrY</a></p> <p>Lançamento da Vult: o Stick.</p>
9	<p>Natalia Libras virtual, em 1 de maio de 2019</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=ovR3anot28o">https://www.youtube.com/watch?v=ovR3anot28o</a></p> <p>Produção de vídeo CSE. Desigualdade da educação de todos e importância do bilinguismo para a comunidade surda.</p>
10	<p>Isflocos, em 18 de novembro de 2017</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=jAkRdBBlcG4">https://www.youtube.com/watch?v=jAkRdBBlcG4</a></p> <p>Tema do ENEM. Discussão no Brasil inteiro sobre a inclusão do tema “Desafio para formação educacional de surdos”, na redação do ENEM.</p>
11	<p>Lyvia Cruz, em 8 de fevereiro de 2019</p> <p><a href="https://www.youtube.com/watch?v=RhV809GUr58&amp;t=8s">https://www.youtube.com/watch?v=RhV809GUr58&amp;t=8s</a></p> <p>A máquina que faz ouvir. Reflexão sobre a vida do surdo e sua família.</p>

12	Olhos caros, em 19 de agosto de 2018 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=ZmwCeDkcoUM&amp;t=78s">https://www.youtube.com/watch?v=ZmwCeDkcoUM&amp;t=78s</a> Curiosidades diversas – parte 1. O carro Fusca. A marca Toyota. Animais que falam línguas diferentes. Origem do castelo da Cinderela. A história das marcas Puma e Adidas.
13	Olhos caros, em 4 de março de 2017 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=RhBC2VRAP2U">https://www.youtube.com/watch?v=RhBC2VRAP2U</a> Senhora da liberdade> Informações sobre a estátua em Nova Iorque.
14	TV Campus, em 01 de outubro de 2016 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=iLKq89bfVJ4">https://www.youtube.com/watch?v=iLKq89bfVJ4</a> Curta Libras 12 – Dicas Fitness. Série apresentada por profissionais surdos, nas mais diversas áreas de atuação.
15	Cozinha do Yu Gouveia, em 23 de dezembro de 2015 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Jm45B0Q4Hew">https://www.youtube.com/watch?v=Jm45B0Q4Hew</a> Torta de Rabanada. Como fazer a torta para o Natal.
16	CILLTTLS 2018, em 11 de março de 2018 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=yiHc0KioHZ0">https://www.youtube.com/watch?v=yiHc0KioHZ0</a> Explicação sobre como proceder ao pagamento e encaminhamento de documentação para o evento.
17	Rodrigo Custódio da Silva, em 11 de março de 2016 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=kPcjrBuzVow&amp;t=149s">https://www.youtube.com/watch?v=kPcjrBuzVow&amp;t=149s</a> A metáfora sobre o diálogo. Ensina as pessoas a terem empatia, para o desenvolvimento do aprendizado.
18	Nathalia Silva, em 20 de agosto de 2017 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=xGQjnKtlQrY&amp;t=70s">https://www.youtube.com/watch?v=xGQjnKtlQrY&amp;t=70s</a> Lançamento da Vult: o Stick. Apresentação do produto cosmético, sua embalagem em formato stick com mecanismo retrátil e sugestão de diversos tipos de maquiagem com o produto.
19	Libras Tube, em 7 de maio de 2016 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=Znslu6o4SJE&amp;t=1s">https://www.youtube.com/watch?v=Znslu6o4SJE&amp;t=1s</a> Bem-vindo ao Blog de Libras de Messias Conhecimento sobre a importância das lutas, conquistas e vitórias da comunidade surda.
20	Nelson Pimenta em 5 de setembro de 2014 <a href="https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxxk">https://www.youtube.com/watch?v=RW7oFM9Cxxk</a> Língua Natural. Descrição de temas: respeito aos veteranos surdos; ódio da letras; palhaçada e preconceito da libras; língua natural).

### 3.2 Descrição dos sujeitos da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa são surdos adultos sinalizantes, autores dos vídeos selecionados nos canais descritos na seção 3.1. No quadro abaixo, descrevemos as principais informações sobre cada um deles, segundo o que foi possível identificar por meio de consulta aos próprios participantes, cujos contatos foram obtidos por Whatsapp ou Instagram. Quando não foi possível coletar a informação, inserimos a sigla NI, para Não Identificado. Mesmo em se tratando de vídeos públicos, na internet, optamos por apresentar os participantes apenas pelas iniciais dos nomes:

Tabela 2 – Dados sociolinguísticos dos participantes da pesquisa

Vídeo	Sujeito	Idade	Grau de surdez	Origem	Escolarização
1	AR	42 anos	Profundo	Rio de Janeiro	Graduado
2	TP	NI	Profunda	São Paulo	Pós-graduado
3	CS	36 anos	Profundo	Minas Gerais	Doutorando
4	CL	45 anos	Moderada/Severa	Pernambuco	Pós-graduado
5	TA	31 anos	Profundo	Pernambuco	Doutorando
6	PM	33 anos	Profundo	Brasília	NI
7 e 19	NS	29 anos	Profunda	São Paulo	Pós-graduado
9	NC	37 anos	Profunda/Oralizada	Ceará	Pós-graduado
10	GI	22 anos	Profundo	Goiás	Graduado
11	LAC	31 anos	Profunda	Ceará	Mestranda
12	LV	26 anos	Profundo	Bahia	Pós-graduado
12 e 13	RE	34 anos	Profundo	Pernambuco	Mestrando
14	HAF	56 anos	Profundo	Rio de Janeiro	Pós-graduado
15	EVLS	39 anos	Profunda	Rio Gde. do Sul	Mestre
16	YR	35 anos	Profundo	Brasília	Graduação
17	POLJ	40 anos	Profundo	Brasília	Graduação
18	RC	34 anos	Profundo	Sta. Catarina	Doutorando
19	NP	NI	Profundo	Rio de Janeiro	Doutor
20	MR	40	Profundo	Brasília	Doutorando

Como os vídeos estão públicos na internet, não foi necessário submeter os documentos ao Comitê de Ética na Pesquisa, nem solicitar aos participantes que preenchessem o Termo de Consentimento Esclarecido para a utilização dos vídeos, uma vez que se trata de utilização para fins educacionais e de pesquisa, sem identificação nominal dos sujeitos.

### 3.3 Descrição dos dados coletados para a pesquisa

O critério para a coleta dos dados foi o de verificar se os surdos empregavam, em suas produções espontâneas, sinais que pudessem corresponder às conjunções coordenativas aditivas e adversativas, além de incluir sentenças com sentido aditivo ou adversativo em justaposição, ou seja, sem a sinalização dos conectivos.

No capítulo de análise, os dados serão apresentados com a transcrição em Libras (com letras em caixa alta) e a tradução livre em português. Cada dado estará identificado, entre parênteses, pelo número de ordem do vídeo, seguido das iniciais do participante, e do trecho do vídeo em que o dado aparece, facilitando, assim, a visualização pelo leitor, que pode acessar o vídeo correspondente na internet. Um exemplo da apresentação do dado aparece a seguir:

- (1) [coordenada<ELE MÉDICO CORRER>] [coordenada<AJUDAR>] [coordenada<LUTAR>]  
 [coordenada<MAS NÃO\_CONSEGUIR ELE SOBREVIVER>] (1: AR, 1'21" a 1'24")<sup>11</sup>  
 'O médico correu, ajudou, lutou, mas não conseguiu que ele sobrevivesse.'

### 3.4 Síntese do capítulo

Neste capítulo, apresentamos a metodologia da coleta de dados da pesquisa, que, junto com a pesquisa bibliográfica, resultará na análise dos dados. A análise levará em conta o contexto semântico de uso das conjunções (sinais) e a ocorrência de justaposição (movimento de corpo ou expressões faciais com valor aditivo ou adversativo) e será desenvolvida no próximo capítulo.

---

<sup>11</sup> Na apresentação do trecho do vídeo em que se encontra o dado o sinal de aspas simples (') significa minuto e as aspas duplas (") significam segundos. Portanto, no exemplo citado em (1), a sinalização do dado ocorre entre 1 minuto e 21 segundos e 1 minuto e 24 segundos.

# CAPÍTULO 4

## ANÁLISE DOS DADOS

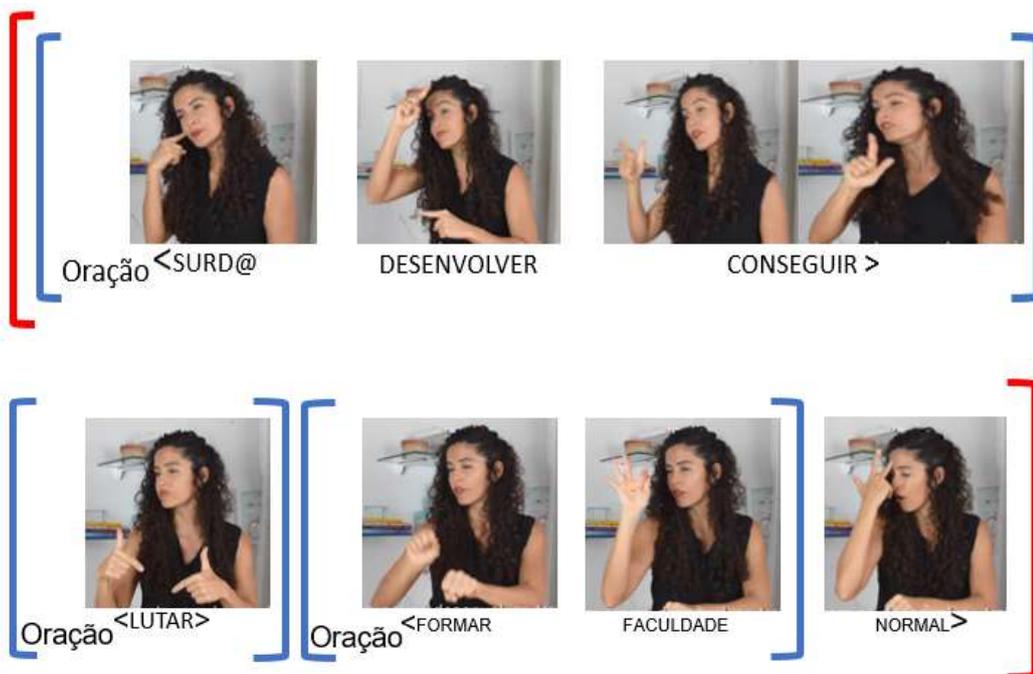
Neste capítulo, apresentamos os resultados da pesquisa, a partir da análise dos dados coletados. O capítulo se divide em três seções: a primeira traz a análise dos dados referentes à coordenação aditiva (seção 4.1); a segunda (seção 4.2) se dedica à análise dos dados referentes à coordenação adversativa; por fim, fazemos a síntese do capítulo (seção 4.3).

### 4.1 Coordenação aditiva em Libras

Iniciamos esta seção confirmando a hipótese encontrada na literatura de que a justaposição parece ser mais comum que a coordenação por meio de conjunções (sinais lexicais) manuais nas línguas de sinais.

A coleta de dados demonstrou que a articulação de orações com interpretação aditiva ocorre em Libras, na maior parte das vezes, por meio de justaposição. Ou seja, não havendo restrições de significação, predomina a ocorrência de orações paralelas e independentes sintaticamente, sem o auxílio de conectivos, como em (1). O período é composto por quatro orações. Uma delas é de natureza nominal e está representada pelo adjetivo NORMAL, funcionando como oração principal – por essa razão, aparece livre, no colchete em vermelho. Todo o restante do período é formado por orações subordinadas, que exercem a função de sujeito do predicado da oração principal <(SER) NORMAL>. Na posição de sujeito desse predicado existem, então, três orações coordenadas entre si: <SURD@ DESENVOLVER CONSEGUIR>, <LUTAR> e <FORMAR FACULDADE>. São orações justapostas, com interpretação aditiva, sem representação de conectivo por meio de um sinal lexical. Nessas orações foram percebidas pausas na sinalização, que marcam, por hipótese, as fronteiras entre as orações.

- (1) [[COORDENADA<SURD@ DESENVOLVER CONSEGUIR>] [COORDENADA<LUTAR>]  
[COORDENADA<FORMAR FACULDADE>] NORMAL] (11: LAC, 3'56" a 4'00")  
'É normal o surdo conseguir se desenvolver, lutar, se formar na faculdade.'



Já nos casos em que existe alguma especialização de sentido, podem ocorrer marcadores aditivos, que desempenham o papel de conectivos. Esses marcadores correspondem aos sinais identificados na Introdução desta dissertação com base no dicionário de Capovilla e Raphael (2006), e retomados de (2) a (4) a seguir:

- (2) “e” equivalendo a TAMBÉM



- (3) “e” equivalendo a adição matemática (MAIS)



- (4) “e” equivalendo a interpretação quantitativa (enumeração)

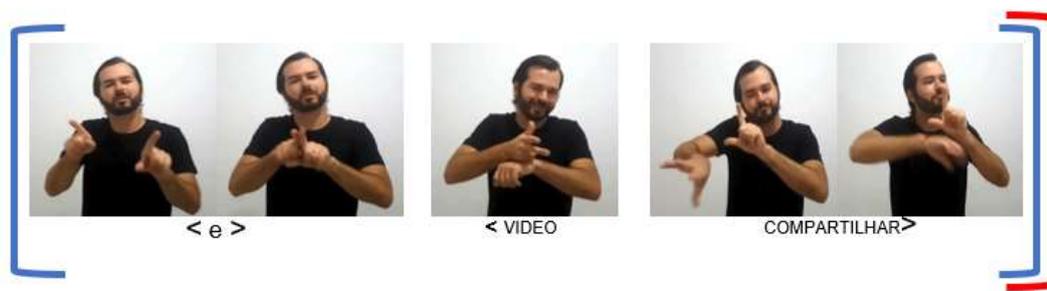


No caso de sinal TAMBÉM, quando usado na articulação de orações na forma de coordenação aditiva, implica uma adição de ideias que, não necessariamente leva a um resultado específico. É o que acontece com o dado apresentado em (5). O primeiro período é composto por três orações, sendo a primeira a oração principal APROVEITAR VOCÊ, que contém um verbo transitivo. As outras duas orações (<DIVULGAR AMIGO> e <VIDEO COMPARTILHAR>) funcionam como complemento do verbo transitivo APROVEITAR e são coordenadas aditivas, ligadas pelo conectivo TAMBÉM. Nesse caso, não observamos pausa, o que mostra que a pausa pode ser exclusiva dos contextos de justaposição, não ocorrendo quando existe um conectivo sinalizado.

- (5) [APROVEITAR VOCÊ [coordenada <DIVULGAR AMIGO>] [coordenada TAMBÉM <VIDEO COMPARTILHAR>]] (13: RE, 5'43" a 5'47")

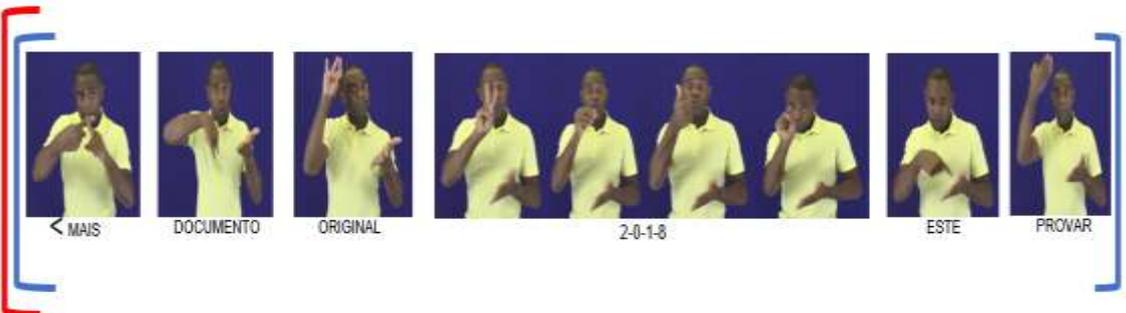
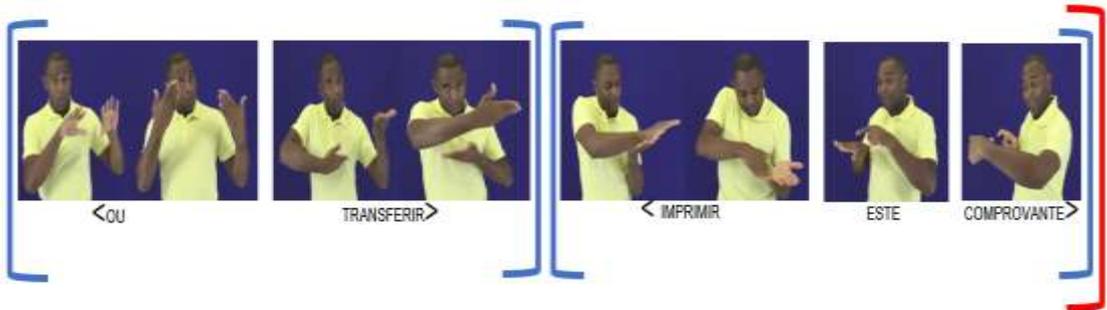
‘Você aproveita para divulgar aos amigos e também compartilhar o vídeo.’





Esse dado contrasta com aqueles em que o sinal de adição matemática (MAIS) é utilizado. O sinal MAIS se mostrou mais especializado que o sinal TAMBÉM, no sentido de que só ocorre quando a adição das ideias veiculadas pelas orações corresponde a um resultado único, como exemplificado em (6). O período é composto por oito orações coordenadas, sendo seis delas de interpretação aditiva (a segunda e a sétima orações são coordenadas alternativas, introduzidas pelo conectivo OU, e não constituem o objeto desta pesquisa). A quarta e a quinta orações apresentam o sinal MAIS, representando a adição. Já as outras orações coordenadas aditivas não apresentam conectivo, sendo coordenadas justapostas.

- (6) [coordenada<BANCO B-B DINHEIRO DEPOSITAR>] [coordenada<OU TRANSFERIR>]  
 [coordenada<IMPRIMIR ESTE COMPROVANTE>] [coordenada <MAIS NOME  
 UNIVERSIDADE OU QUALQUER NOME COLOCAR COMPROVANTE>]  
 [coordenada<MAIS DOCUMENTO ORIGINAL 2-0-1-8 ESTE PROVAR>]  
 [coordenada<TIRAR CADA FOTO SCANNER>] [coordenada<OU TIRAR FOTO>]  
 [coordenada<ENVIAR\_E-MAIL>] (16: POLJ, 0'12" a 0'34")  
 'Deposite ou transfira o dinheiro para o Banco BB, imprima o comprovante e coloque o nome da universidade ou qualquer nome no comprovante e prove com o documento original 2018, digitalize ou tire uma foto do documento e envie por e-mail'.





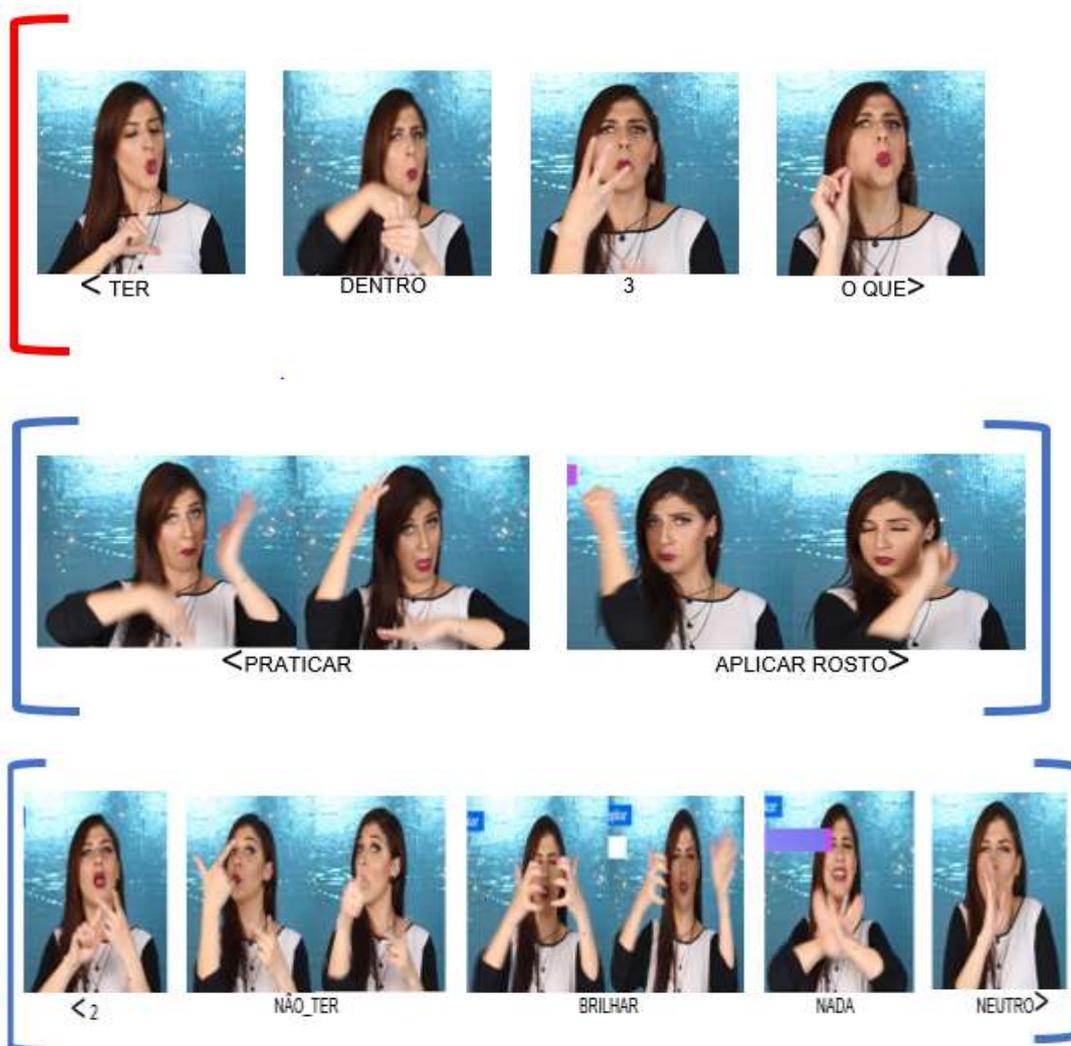
Verificamos, em (6), que o processo de inscrição do candidato só poderá ser considerado completo quando ele realizar todos os procedimentos descritos no período, a saber: realizar o depósito ou a transferência bancária, imprimir o comprovante, digitar o nome da universidade e anexar o comprovante. Diferentemente do exemplo em (5), em que a divulgação pode ser feita utilizando-se qualquer uma das formas (compartilhando o vídeo ou curtindo) e não necessariamente as duas formas. Uma consulta informal aos surdos revelou que, em (5), poderia haver variação no emprego do sinal equivalente a TAMBÉM e a MAIS, mas, em (6), apenas o sinal de MAIS produz a ideia de que todas as ações devem ser executadas para se alcançar o objetivo. Em outras palavras, o sinal de adição matemática (MAIS) é semanticamente mais especializado que o sinal de TAMBÉM, sendo o sinal de MAIS obrigatório nas construções de coordenação aditiva em que a soma das ideias corresponde a um único resultado.

Os casos de coordenação aditiva com interpretação quantitativa também são especializados, pois correspondem a situações de enumeração, como vemos em (7), em que a sinalizante explica o passo-a-passo para utilizar um determinado produto de maquiagem. O período é composto por quatro orações, sendo a primeira a oração

principal, que contém o elemento pronominal O QUE. Esse elemento tem propriedades que precisam ser satisfeitas na sintaxe e isso é feito pelas três orações seguintes, que são coordenadas. A coordenação acontece por meio de uma enumeração – a primeira não apresenta o sinal de interpretação quantitativa 1, mas as duas orações seguintes apresentam os sinais 2 e 3, respectivamente, que funcionam como conectivos aditivos.

- (7) [TER DENTRO 3 O QUE] [coordenada<PRATICAR APLICAR\_ROSTO>]  
 [coordenada<2 NÃO\_TER BRILHAR NADA NEUTRO>] [coordenada<3 FIXAÇÃO APLICAR\_ROSTO DURANTE>] (18: NS, 2'56" a 3'10")

'Tem três características: a aplicação no rosto é fácil; segunda, (o rosto não fica brilhando) não tem brilho; terceiro, a fixação é duradora.





Nesses casos, existe um contexto frasal antecedente que leva à articulação de orações com sentido aditivo, por meio da enumeração (um aposto enumerativo, nos termos da tradição gramatical). Esse contexto é representado, nos dados coletados, pela expressão sinalizada O QUE, que é especificada pelas sentenças que constam da enumeração, por meio de marcadores de quantidade (1, 2, 3, etc.), sem que eles representem, necessariamente, uma sequência cronológica.

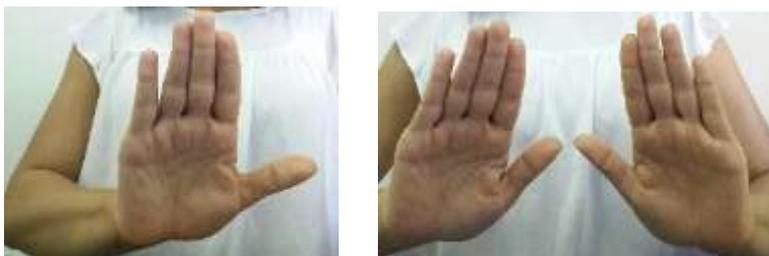
#### 4.2 Coordenação adversativa em Libras

Na Introdução desta dissertação, trabalhamos com a hipótese inicial de haver uma possível especialização entre os sinais (8) e (9), que foram descritos com a semântica de oposição e de advertência, respectivamente.

##### (8) MAS com semântica de oposição



## (9) MAS com ideia de advertência



Essa hipótese, entretanto, não foi confirmada nos dados obtidos por meio da coleta, os quais, quando submetidos a outros surdos, apresentaram uma grande variação no emprego dos sinais (8) e (9) na maioria das sentenças. Passamos, então, a desenvolver a hipótese, sugerida em comunicação pessoal por Margot Marinho, de que o sinal (9) poderia ser interpretado como sendo uma conjunção subordinativa concessiva, equivalente a “embora” ou “apesar de” em português.

De acordo com os manuais de língua portuguesa, a coordenação adversativa e a subordinação concessiva se assemelham pelo fato de que ambas apresentam uma ideia de oposição ou contraste. Segundo Vullu (2008), tanto as orações coordenadas adversativas quanto as orações subordinadas concessivas operam com a ideia de uma concessão, associada a uma restrição, sendo que, nas adversativas, a restrição é discursivamente mais forte que a concessão, enquanto nas concessivas, a concessão é mais forte. Exemplificamos essa proposta com os exemplos em (10) – em (10a), o mais relevante discursivamente é que João vai sair (independentemente do fato de estar chovendo); já em (10b), o mais relevante é que está chovendo (e, independentemente disso, o João vai sair):

- (10) a. Está chovendo, mas o João vai sair.  
 b. Embora esteja chovendo/ Apesar de estar chovendo, o João vai sair.

Essa diferença discursiva tem efeitos sintáticos, uma vez que, estruturando-se o enunciado na forma de uma coordenação adversativa, a ordem entre as sentenças é fixa (como mostra a agramaticalidade de (11a), enquanto, estruturando-se o enunciado na forma de uma subordinação concessiva, a ordem entre as sentenças é variável (como mostra (11b)), o que decorre de a orações concessiva funcionar como um adjunto adverbial em relação à oração principal:

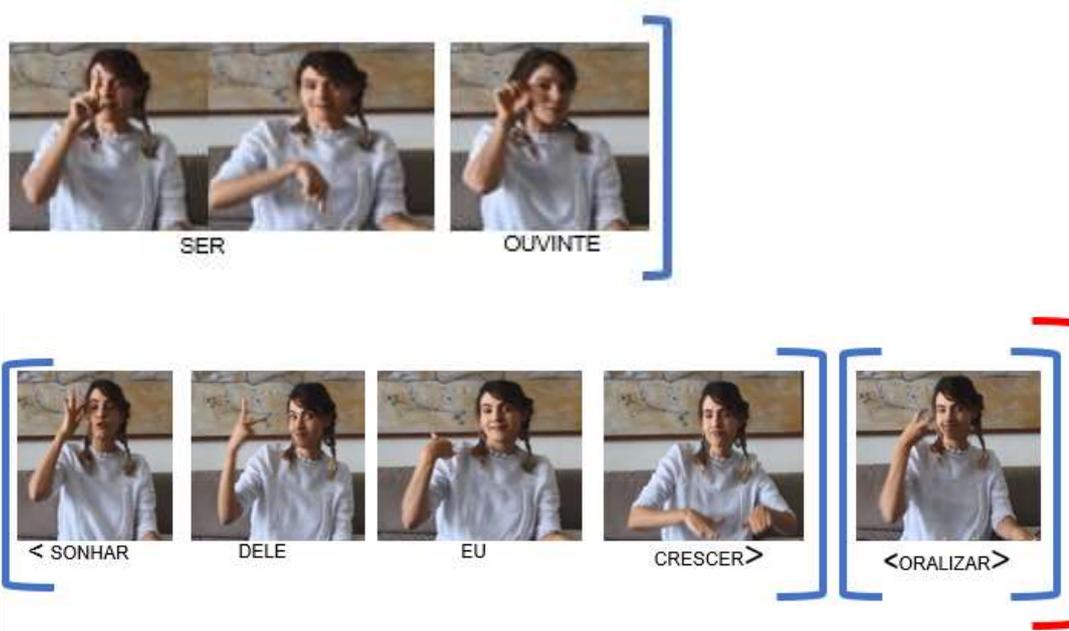
- (11) a.\*Mas o João vai sair, está chovendo.  
 b. O João vai sair, embora esteja chovendo/ apesar de estar chovendo.

Feitas essas considerações, exemplificamos com os dados que coletamos em Libras. Começamos pelo sinal MAS com interpretação típica de oposição (representado em (8)). O dado (12) a seguir, composto de quatro orações coordenadas, mostra que as duas primeiras orações formam uma sequência adversativa (as outras duas orações são coordenadas aditivas mas nós não as analisaremos nesse momento). Tomando como referência a explicação anterior sobre a distinção entre coordenadas adversativas e subordinadas concessivas, observamos que a sinalizante considera mais relevante discursivamente a restrição, ou seja, o fato de ter nascido surda, opondo a esse fato o sonho dos pais de que ela crescesse oralizada.

- (12) [coordenada<NASCER SURDA>] [coordenada<MAS MÃE PAI SER OUVINTE>]  
[coordenada<SONHAR DELES EU CRESCER>] [coordenada<ORALIZAR>] (5: CL, 1'03"  
a 1'13")

'Nasci surda, mas minha mãe e meu pai são ouvintes e o sonho deles é que eu crescesse e oralizasse.'





Já o exemplo (13) é formado por quatro orações, sendo as três primeiras coordenadas aditivas justapostas (não nos deteremos na explicação delas aqui). Essas três orações formam uma gradação que contrasta com a informação que vem na quarta oração, introduzida pelo sinal MAS com interpretação de advertência (representado em (9)). Tomando como referência a explicação anterior sobre a distinção entre coordenadas adversativas e subordinadas concessivas, observamos que o sinalizante considera mais relevante discursivamente a concessão, ou seja, o fato de a pessoa não ter sobrevivido, apesar dos esforços do médico.

- (13) [coordenada<ELE MÉDICO CORRER>] [coordenada<AJUDAR>] [coordenada<LUTAR>]  
 [coordenada<MAS NÃO\_CONSEGUIR ELE SOBREVIVER>] (1: AR, 1'21" a 1'24")  
 'O médico correu, ajudou, lutou, mas não conseguiu que ele sobrevivesse.'



### 4.3 Síntese do capítulo

Neste capítulo, analisamos os vídeos produzidos por surdos e coletados na internet para este trabalho. A análise mostrou:

- (i) em relação à coordenação aditiva, que:
- a justaposição predomina em contextos livres de restrições semânticas, como já foi observado na literatura para outras línguas de sinais;
  - em contextos com restrições semânticas, os seguintes sinais são empregados:
    - a) TAMBÉM, quando a adição de ideias não implica necessariamente um resultado, podendo ser também empregado quando um resultado é esperado;
    - b) MAIS (adição matemática), somente quanto a adição de ideias implica necessariamente um resultado;
    - c) 1, 2, 3 etc. (interpretação quantitativa), quando há uma enumeração que especifica um termo antecedente, na forma de um aposto enumerativo.

(ii) em relação à coordenação adversativa, que:

- não há uma especialização gramatical no emprego dos sinais para o conectivo MAS, no sentido inicialmente proposto de oposição ou de advertência, sendo os dois sinais empregados em variação na maioria das sentenças coletadas;
- parece haver uma distinção discursiva no emprego dos dois sinais, reforçando-se a hipótese da oposição sintática entre a articulação de orações como coordenadas adversativas ou como subordinadas concessivas.

Dois aspectos importantes a serem analisados futuramente são: (i) a existência de marcadores como pausas ou movimento de olhar ou do corpo para sinalizar a fronteira de orações nos casos de justaposição aditiva e (ii) as diferenças sintáticas entre as orações com os sinais traduzidos por Capovilla e Raphael (2006) como MAS, de forma a identificar características formais da coordenação e da subordinação nesses empregos, como fizeram Tang e Lau (2012) para outras línguas de sinais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, desenvolvemos, no quadro teórico da gramática gerativa, uma análise sobre a articulação das orações na Língua de Sinais Brasileira (Libras). Partimos de considerações teóricas mais gerais sobre as estruturas de encaixamento, hipotaxe e parataxe, para depois focarmos na parataxe, especificamente, os casos de coordenação aditiva e adversativa em Libras, que são o tema deste trabalho.

Apresentamos a descrição dos aspectos gramaticais referentes à articulação das orações, especialmente a coordenação, em Libras, com base em estudos de autores reconhecidos na área (Ferreira Brito, 1995; Strobel e Fernandes, 1998; Quadros e Karnopp, 2004), e em outras línguas de sinais, com base no capítulo de Tang e Lau (2012). De acordo com esses autores, a justaposição de orações parece ser mais comum que a coordenação por meio de conjunções (sinais lexicais) manuais e marcadores não-manuais, como aceno de cabeça ou giro da cabeça ou do corpo, indicam limite de constituinte oracional (ou não), interagindo com os tipos de coordenação (a aditiva não apresenta essa correlação, mas a adversativa parece apresentar).

Apresentamos, então, a metodologia da coleta de dados da nossa pesquisa. O nosso corpus foi constituído de vídeos produzidos por surdos sinalizantes de Libras e disponibilizados na internet. Os vídeos tratavam de temas variados e o fato de estarem disponíveis na internet nos possibilitou dar a eles um tratamento de domínio público, de maneira que não foi necessário solicitar autorização para o uso na pesquisa. Mesmo assim, mantivemos sigilo sobre a identidade dos sinalizantes, fazendo referência a eles apenas por meio das iniciais dos seus nomes.

A análise dos dados levou em conta o contexto semântico de uso dos conectivos (sinais lexicais expressos) e a ocorrência de justaposição, demonstrando que:

- a justaposição predomina nas coordenadas aditivas em contextos livres de restrições semânticas (confirmando a hipótese já desenvolvida na literatura), podendo haver pausas que marcam a fronteira de orações;
- em contextos de interpretação aditiva com restrições semânticas, são empregados os sinais TAMBÉM – quando a adição de ideias não implica necessariamente um resultado – e MAIS (adição matemática) – quando a adição de ideias implica necessariamente um resultado – e 1, 2, 3 etc.

(interpretação quantitativa) – quando uma enumeração especifica um termo antecedente, na forma de um aposto enumerativo;

- parece haver uma distinção discursiva no emprego dos dois sinais traduzidos por Capovilla e Raphael (2006) como sendo o conectivo MAS, o que remete à hipótese da oposição sintática entre a articulação de orações como coordenadas adversativas ou como subordinadas concessivas (as características formais da coordenação e da subordinação nesses contextos fica para pesquisa futura).

O desenvolvimento desta pesquisa sobre a coordenação aditiva e adversativa em Libras demonstrou que é preciso investigar mais profundamente esse tipo de construção sintática, pois ainda existem poucas referências bibliográficas sobre esse assunto.

Os resultados alcançados na pesquisa pretendem contribuir para ampliar para o conhecimento sobre a Língua de Sinais Brasileira, para melhorar o ensino dessa língua e a formação de professores bilíngues (Libras-Português), assim como para o desenvolvimento da teoria gramatical.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2009.
- BECHARA, E. *Lições de Português pela Análise Sintática*. 18ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
- CAPOVILLA, F.; RAPHAEL, W. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Volumes I e II. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2006.
- CARNEIRO, B. G.; LUDWIG, C. R. *Articulação de orações em Libras*. (a sair)
- CARONE, F. de B. *Subordinação e Coordenação*. São Paulo: Ática, 1988.
- CHOMSKY, N. *Linguagem e Mente*. Brasília: EDUnB, 1998.
- CUNHA, C. F.; CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- FERREIRA BRITO, L. *Por uma Gramática de Língua de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FILIPPE, T. *Libras em contexto*. Rio de Janeiro: FENEIS, 1997.
- KENEDY, E.; OTHERO, G. *Para conhecer Sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.
- LIDDELL, S. *American Sign Language Syntax*. The Hague: Mouton, 1980.
- LIMA, L. R. *As Estruturas de Causa e Consequência na Aquisição do Português-escrito como Segunda Língua pelos Surdos*. Dissertação de Mestrado. Brasília: UnB, 2010.
- LOBATO, L. *Linguística e Ensino de Línguas*. E. Pilati; R. Naves; H. Vicente; H. Salles (orgs.) Brasília: EDUnB, 2015.
- MOREIRA, F. *Ensino de português como segunda língua para surdos: estudo da criação de sinais-termo na perspectiva dual do léxico e da gramática da língua brasileira de sinais (Libras)*. In: CASTRO Jr., G. [et al.] (orgs.) *Anais do I Congresso Internacional de Lexicologia, Lexicografia, Terminologia e Terminografia das Línguas de Sinais e II Fórum Internacional sobre Produção de Glossários e Dicionários em Línguas de Sinais*, Curitiba: Appris, 2019.
- NEGRÃO, E. V. "A natureza da linguagem humana". In: J. L. Fiorin. *Linguística? Que é isso?*. São Paulo: Contexto, 2013.
- Padden, Carol. *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. New York: Garland. Petronio, Karen/Lillo-Martin, Diane, 1988.
- QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SALLES, H. M. M. L. *Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica*. Brasília: MEC/SEESP, 2004.

SALLES, H. M. M. L.; NAVES, R. R. Estudos gerativos de Língua de Sinais Brasileira e de aquisição do Português (L2) por surdos. In: H. Salles; R. Naves. *Estudos gerativos: fundamentos teóricos e de aquisição de L1 e L2*. Goiânia: Cãnone, 2010.

SILVA, M. da P. M. *A construção de sentidos na escrita do aluno surdo*. São Paulo: Plexus. 2001.

STOKOE, W. C. *Sign language structure*. Silver Spring: Linstok Press. 1960

STROBEL, K. L.; FERNANDES, S. *Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.

SUPALLA, T. *Structure and acquisition of verbs of motion and location in American sign language*. University of California, San Diego, Ph.D. Dissertation, 1982.

TANG, Gladys; LAU, Prudence. Coordination and subordination. In: PFAU, Roland; STEINBACH, Markus; WOLL, Bencie. (Eds.). *Sign Language. An International Handbook*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2012. p. 340-365.

VULLU, Erika Mayrink. Construções adversativas e concessivas: uma abordagem discursivo-argumentativa. *CES Revista*, v. 22. Juiz de Fora, 2008. Disponível em: [https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/construcoes\\_adversas.pdf](https://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2008/construcoes_adversas.pdf).

Acesso em 17/11/2019.

Sites consultados:

[http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main\\_site/libras.htm](http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/libras.htm)

[http://www.ip.usp.br/lance/Livros/novo\\_deit.html](http://www.ip.usp.br/lance/Livros/novo_deit.html)

<http://www.ines.gov.br/dicionario-de->

[libras/main\\_site/metodologia/Vers%C3%A3o%202.0%20-](http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/metodologia/Vers%C3%A3o%202.0%20-)

[%202005%20%E2%80%93%20Revis%C3%A3o%20e%20Amplia%C3%A7%C3%A3o.htm](http://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/main_site/metodologia/Vers%C3%A3o%202.0%20-%202005%20%E2%80%93%20Revis%C3%A3o%20e%20Amplia%C3%A7%C3%A3o.htm)

<http://www.infoescola.com/portugues/conjuncoes/>

[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sintaxe/assets/491/Texto\\_base\\_sintaxe\\_versao\\_final.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoBasica/sintaxe/assets/491/Texto_base_sintaxe_versao_final.pdf)